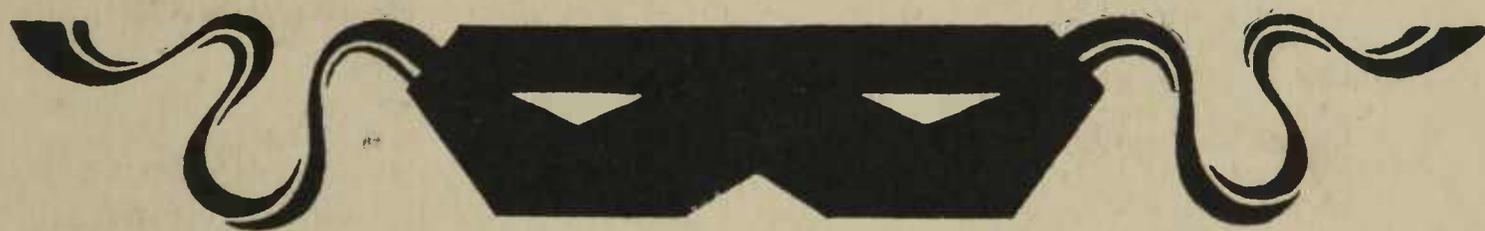
ARLEQUIM
REVISTA DE ACTUALIDADES
26-JANEIRO-28
PREÇO 1$500
Nº 9

Representantes de «ARLEQUIM»

NA LINHA INGLEZA.

SANTOS. — Moacyr Serra.
JUNDIAHY. — Horacio Lopes Camargo (venda avulsa)
BRAGANÇA — Plinio Paulo Braga.
PIRACAIA — Lydio Herdade.

NA LINHA PAULISTA.

CAMPINAS. — Americo Belluomini.
SANTA BARBARA. — Joaquim A. do Canto.
PIRACICABA —José Martins de Toledo.
LIMEIRA. — Nestor Martins Lino.
CORDEIRO — Antonio P Lordello.
ARARAS. — Joviniano Pinto.
PIRASSUNUNGA. — Elias Mello Ayres.
PALMEIRAS. — Leonidas Horta Macedo.
PORTO-FERREIRA. — Carlos Fenili.
DESCALVADO. — Gabriel de Arruda.
SANTA RITA. – Gabriel Pompeu de Toledo.
RIO CLARO. — Valdomiro Guerra Corrêa.
ANNAPOLIS. — Pedro Levy.
ITYRAPINA — Joaquim Toledo de Camargo.
S. CARLOS — Ottoni Pompeu Piza.
ARARAQUARA. — Sizenando da Rocha Leite.
JABOTICABAL. — Clodomir F. de Albuquerque.
PONTAL. — Antonio Godoy.
MINEIROS. — Sylvio da Costa Neves.
JAHU'. — Synesio Paes de Barros.
BARRA BONITA. — Armando Ognibene.

NA LINHA ARARAQUARENSE.

MATTÃO — Walfredo Andrade Fogaça.
SANTA ADELIA. — Salvador Gogliano Junior.
ARIRANHA. — Bruno Vollet.
CATANDUVA. — João Pires de Aguiar.
RIO PRETO. — João Teixeira de Lara.

LINHA DOURADENSE.

BICA DE PEDRA. – Tito L. Ferreira.
ITAPOLIS. — João Ramacciotti.
SÃO JOÃO DA BOCAINA. — Lazaro G. Teixeira.

LINHA MOGYANA

MOGY-MIRIM. — Mario de Barros Aranha.
ITAPIRA. — José da Cunha Raposo.
ESPIRITO S. PINHAL. — José F. de A. Marques
CASCAVEL. — Nicanor Martins Lino.
CASA BRANCA. — João Horta de Madedo
MOCOCA. — F. R. Baena de Castilho.
TAMBAHU. — João Barcellos Filho.
CAJURU. — Francisco Faria Barcellos.
SÃO SIMÃO. — A. Siqueira de Abreu.
CRAVINHOS. — Francisco Gomes.
RIBEIRÃO PRETO. — Antenor Ribeiro.
SERTÃOZINHO. — Leoncio F. do Amaral.
FRANCA. — Antonio Constantino.

LINHA SOROCABANA.

SOROCABA. — J. J. Fernandes Barros.
ITAPETININGA. — Elisiario Martins de Mello.
ITU'. — Firmino Teixeira.
AVARE'. — B. Euphrasio de Campos.
RIO DAS PEDRAS. — Manuel Costa Neves.
SÃO PEDRO. — Julio Oliveira.
CAPIVARY — João Stein.
ELIAS FAUSTO. — Vicente F. Bueno.

LINHA NOROESTE.

BAURU. — Brenno Pinheiro.
PIRAJUHY. — Frontino Brasil.
PENNAPOLIS. — Gustavo Kuhlmann.
ARAÇATUBA. — Atoalba Rosa.

LINHA CENTRAL.

PINDAMONHANGABA. — José Vieira de Macedo.
CAMPOS DE JORDÃO — Delio Rangel Pestana.
GUARATINGUETA' — Julio Penna.

LITTORAL.

IGUAPE'. — Eulalio Arruda Mello.

CAPITAL DA REPUBLICA. — Amadel Soares. Rua do Cattete, 186. Odilon Jucá (Exclusividade commercial) Rua do Ouvidor, 164.

ALAGOAS. — *Maceió* : José Lins do Rego.
CEARA' — *Fortaleza* : Gilberto Camara.
MINAS GERAES — *Bello Horizonte*: Mario de Lima; *Juiz de Fóra* : Alarico de Freitas; *Cataguazes* : Henrique de Rezende ; *Passos* : Wellington Brandão; *Santa Rita de Cassia* : Argemiro Pinto ; *Itajubá* : Benedicto Pereira; *Uberaba*: Reis Junior.
PARAHYBA — *Capital* : Adhemar Vidal ; *Campina Grande* : Irineu Persiano da Fonseca.
PARANA' — *Curityba* : Paulo Tacla.
PARA' — *Belém* : Alberto Queiroz de Andrade.

PERNAMBUCO. — *Recife* : Mario Mello.
RIO DE JANEIRO. — *Nictheroy*: Murilla Torres.
RIO G. DO NORTE. — *Natal*: Luiz da C. Cascudo.
RIO G. DO SUL. — *Porto Alegre* : Mansueto Bernardi ; *Santa Maria* : Vicente Gomes; *Pelotas* : Sallis Goulart; *Caxias*: Olmiro Azevedo; *Bagé* : Fanfas Ribas; *Tupaceretan* : Baldomero Fernandes ; *Cachoeira*: Orlando da Cunha Carlos; *Lageado* : Decio Martins Costa ; *São Luiz Gonzaga*: Juvenal Pinto; *Santiago do Boqueirão*: Rivadavia Severo.
SERGIPE — *Aracajú* : Epiphanio Doria.

IRMAOS FERRAZ — BRIGADEIRO TOBIAS, 28 — SÃO PAULO

REVISTA DE ACTUALIDADES

PUBLICA-SE ÁS QUNTAS FEIRAS, EM SÃO PAULO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.° andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE 2 — 1.0.2.4

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno 40$000

Por semestre 22$000

Numero avulso 1$500

GERENTE

Horacio K. de Andrade

DIRECTORES

Sud Mennucci

Mauricio Goulart

Americo R. Netto

ILLUSTRADOR

J. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIERE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSE PINHEIRO, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, FELIX QUEIROZ, MELLO AYRES, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

Plantas

Eu amo as arvores! Sob a amena protecção das suas frondes, desde pequeno me acostumei a procurar abrigo, nas horas de prazer ou de fadiga. E, ao lado dellas, a minha alma sedenta de belleza, embriagada de pantheismo, nunca deixou de encontrar motivos que lhe agitassem, em magicas florescencias de sonhos, todos os refolhos e fibras.

Eu amo todas as plantas! Amo-as pelas licções que encerram, pelas suggestões que offerecem, e pela belleza que estadeiam.

* * *

Conheci um velho ipé de tronco forte e copa hirsuta, que não sei quantos annos viu fluir. Aos seus pés, uma cidade certa vez se construira, multiplicando-se apressadamente em casas que trepavam pelas barrancas, afundavam nos valles, apertavam-se umas com as outras, casas chatas como cabanas, casas esguias, beiçando varandas, casas de todo o tamanho e gosto, delatando, traduzindo, em contrastes estridentes, toda a variabilidade da alma humana. Mas, um dia, com a mesma facil pressa com que ella se fizera, deu de dividir-se, esphacelar-se, minguar até a morte. Os homens inconstantes, empolgados pela miragem de novas esperanças, ferretoados pelos pruridos de um nomadismo atavico, abandonaram aquelle sitio, como quem muda de acampamento, levando comsigo todos os seus penates. E, no emtanto, sobranceando esses destroços, o ipé lá ficára, no alto da sua collina, bello na robustez esthetica das suas frondes ramalhudas, affirmando a dadivosa exuberancia da terra, que os homens voluveis não souberam aproveitar. Aquelle ipé era um symbolo: a constancia.

* * *

Nos sertões da Bahia, quando o espantalho da secca os requeima e devasta, o espectaculo da natureza é de uma grandiosidade dramatica. A vegetação que outr'ora explodia da terra em poderosos arranques de vida, colorindo alacremente a paisagem, toda se abate e amesquinha sob o cauterio do sol. Estorricada pelo fogo que reflue do sólo, tomba, reptilizando em contorcionismos de pathetico soffrimento, e no bracejar dos seus galhos parece estampar-se o commovente e torturado repuxar de garras crispadas nas vascas da agonia. Mas a secca ha de passar, e as pobres arvores moribundas, soffredoras pacientes, esperam resignadamente as primeiras chuvas, que lhes hão de restituir a vida. E as chuvas vêem, parcas e distanciadas, reeditando-se invariavelmente, nos seus longos intervallos, o drama sombrio das arvores martyres. Essas arvores são um ensinamento vivo de submissão e tranquilla energia. Emquanto todos fogem, apavorados ante o espectro da secca, quando as caravanas dos famintos já se perderam de vista, e as seriemas já frecharam o seu vôo para o littoral, e o gado desappareceu, sómente ellas resistem, unicas testemunhas da formidanda lucta da natureza. São as heroinas vegetaes do sertão!

* * *

Perto da minha casa ha um jardim que sempre me dou a admirar com renovadas emoções. Na chromatica symphonia das suas flores parece viver a alma de um artista bebedo de belleza. Ha contos, rhapsodias, sonoras estrophes de flores nos seus canteiros magnificos, onde a idea se encerra transfeita em perfume. Quando preciso de alguns momentos de prazer esthetico, quando a minha veia se estanca, pobre e sem vida, é a esse jardim que vou pedir inspiração e enthusiasmo. Nelle encontro de tudo: rosas fidalgas, timidas violetas, cravos petulantes, sempre-vivas espertas, papoulas de raça e cravinas que gargalham entre os tufos de verdura. No meio do jardim ha esguichos de palmeiras. Perto do muro ha um cypreste funereo como a alma de um visionario cheio de paixão. Bello jardim! Esse jardim é uma pequena biblia de arte!

* * *

Eu amo todos os vegetaes! Mesmo os parasitas merecem a minha piedosa sympathia; porque nos seus ataques não obedecem que não ao desejo de viver. E o seu reconhecimento ás victimas é mais bello e eloquente que a duvidosa gratidão humana.

* * *

Nos vegetaes se encontram magnificos exemplos para os homens, mórmente nos tempos que fluem, cheios de miserias e iniquidades. Elles se amam, e vibram, e luctam, e soffrem... Ha arvores pudicas, arvores sensiveis, arvores que cantam, arvores que choram... Todos os nossos sentimentos, talvez os mais requintados e subtis, encontram equivalentes no reino das plantas. Sómente uma coisa ellas não conhecem: é a maldade.

Amemos, pois, as plantas!

Americo Bruschini

"A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil"

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Séde social : — AVENIDA RIO BRANCO, 125 — RIO DE JANEIRO — Edificio de sua propriedade

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado — 86.º sorteio — 16 de janeiro de 1928.

120.809—Eugenio Agenore Gambassi	Ponta Grossa—Paraná
175.452—Oswaldo Rodrigues da Cunha	Jatahy—Goyaz
94.389—Tancredo Freire Ribeiro	Betume—Sergipe
170.623—Antonino Pereira Barros	Therezina—Piauhy
112.010—Benjamin de Omena Farias	Manáos—Amazonas
105.337—Guilherme Braescher	Porto Alegre — R. G. do Sul
152.171—Paulino de Araujo Jorge	Maceió — Alagôas
173.193—D. Lili Behs de Aguiar	S. Luiz — Maranhão
163.950—Manoel de Souza Leal	Vigia — Pará
164.407—Manoel Ferreira Coutinho	Belém — Idem
115.897—Hugo Rocha	Fortaleza — Ceará
134.583—Manoel Sadoc Cysne	Idem — Idem
163.498—Agrippino Ubaldo de Castro	Veado — Espirito Santo
163.718—Antonio Gomes de Souza	S. Pedro Itabapoana — Idem
115.710—José de Oliveira Santos.	Conquista — Bahia
106.584—Walter Zollinger	S. Salvador — Idem
1.º — 131.592—Armando da Costa Brito	Recife — Pernambuco
2.º — 103.278—Oscar Arcelino de Souza Raposo	Idem — Idem
134.607—Walfredo Pessoa de Mello	Idem — Idem
102.470—Archimedes de Oliveira Souza	Idem — Idem
3.º — 175.717—Jacob Marretto	Sta. M. Magdalena E. Rio
4.º — 125.489—Noé Vieira de Andrade	Nictheroy — Idem
128.139—José Pinto de Campos Figueiredo	Varre-Sahe—Idem
147.414—Adolpho José Pimentel	B. J. Itabapoana — Idem
145.689—Virgilio Reginal Monnerat	S. J. Rio Preto — Idem
151.591—Pe. José Torquato da R. Filgeiras	Barbacena—Minas
148.604—José Amancio Fernandes	B. Horizonte—Idem
138.497—Claudio Carvalho de Miranda	Dores, Manhumerim, Idem
164.648—Marinho Carlos de Souza	Carangola — Idem
132.963—Joaquim A. Nogueira e esposa	Quelus — Idem
125.886—Francisco Grisolia Filho	Sta. Barbara—Idem
168.302—Americo Ribeiro	Bicas — Idem
138.657—Manoel Martins de Freitas	Montes Claros — Idem
158.718—Milton Soares Campos	B. Horizonte—Idem
129.155—Torquato Alves de Almeida	Pará Minas—Idem
112.571—Paschoal Bernardino Felippe	S. Paulo Muriahé—Idem
172.711—José Cordeiro	Bello Horizonte — Idem
176.518—Augusto Piccinini	Villa Arary — Idem
109.800—Waldemar Motta Bastos	Capital Federal
152.063—Zulmiro Fernandes Teixeira	Idem
146.517—Manoel Alves Corrêa	Idem
172.046—Joaquim Marcellino Antunes	Idem
143.587—Alvaro de Mello Alves	Idem
160.536—Olegario de Oliveira Marcondes	Idem
97.036—Antonio do Prado Lopes Pereira	Idem
147.457—Luiz Lavinio de Souza e Silva	Idem
162.600—Alfredo Barcellos Borges	Idem
170.838—Ernesto Blans	Idem
5.º — 143.345—Cesar Marques Seixas e Antonio Marques Seixas	Idem
120.077—Germano Domingues	Idem
153.517—José Herminio de Castro	Idem
125.707—Octavio Guinle	Idem
6.º — 101.760—Otto Thiele	São Paulo — São Paulo
168.871—Moacyr de Campos Oliveira	Santos — Idem
176.070—Joaquim Thomaz de Aquino	Palmares — Idem
174.661—Pedro Chiavone	S. Paulo — Idem
96.527—Luiz Marinho de Azevedo	Idem — Idem
7.º — 139.054—Joaquim Pereira da Silva Porto	Idem — Idem
144.525—Alexandre Callonelli	Sta. Isabel — Idem
169.301—Laudelino Villa Bôas	Barretos — Idem
173.273—José de Paula Tavares	Duartina — Idem
168.362—Luiz Gonzaga Assumpção	S. Paulo — Idem
168.690—Bernardino Pires Alves .	Idem — Idem
81.114—Henry Sumons	Ribeirão Preto — Idem
8.º — 168.859—Augusto Bitelli	S. Paulo — Idem
137.281—Antonio Silva Parada	Idem — Idem
165.249—Vicente Callegari	Idem — Idem
167.542—Moysés Ayoub	Idem — Idem
171.250—Fructuoso Peres	Araraquara — Idem
169.203—Jorge Risso	Pinheiros — Idem
159.363—Lourenço Pires de Campos	S. João da Bocaina — Idem
177.887—Benedicto Leme de Souza	S. Paulo — Iedm
170.728—Feliciano Narciso de Camargo	Idem — Idem

1.º — O sr. Armando da Costa Britto teve a sua apolice n. 118.451 sorteada em 16 de julho de 1923.

2.º — O sr. Walfredo Pessôa de Mello (*pela 3.ª vêz contemplado nos nossos sorteios*) teve a sua apolice n. 134.603 sorteada em 15 de abril de 1924; a de n. 134.609 sorteada e 15 de outubro do mesmo anno.

3.º — O sr. Archimedes de Oliveira Souza, teve a sua apolice n. 98.930 sorteada em 15 de outubro de 1920.

4.º — O sr. Noé Vieira de Andrade, teve a sua apolice 120.838 sorteada em 15 de julho de 1924.

5.º — O sr. Ernesto Blanz, teve a sua apolice n. 170.837 sorteada em 15 de outubro do anno passado.

6.º — O sr. Torquato Alves de Almeida, teve a sua apolice numero 129.151 sorteada em 15 de julho do anno findo.

7.º — O sr. Octavio Guinle, teve a sua apolice n. 125.714 sorteada em 15 de outubro de 1923.

8.º — O sr. Joaquim Pereira da Silva Porto, teve a sua apolice numero 121.171 sorteada em 16 de julho de 1923.

9.º — O sr. Antonio Silva Parada, teve a sua apolice n. 137.282 sorteada em 15 de janeiro de 1925.

NOTA — A Equitativa tem sorteado até esta data 3.172 apolices no valor de rs. 14.390:369$500, importancia paga em *Dinheiro* aos respectivos segurados, com direito aos sorteios ulteriores.

EGO PROMITTO...

Findava o anno de 1927. Ao salão nobre da Faculdade affluira, naquella tarde de 30 de dezembro, o escol da sociedade carioca. E' que nova turma de medicos collava grão.

Cerimonia emocionante! Que violento choque de sentimentos! De um lado a alegria da victoria, a conquista do ideal sonhado e pelo qual luctaram heroicamente e sem treguas seis annos a fio, do outro a noção da responsabilidade, a incertesa do futuro, a tristeza da partida estampada nas physionomias daquelles companheiros que, na conquista do mesmo sonho, terçando as mesmas armas, soffrendo os mesmos revezes, vencendo os mesmos triumphos, se haviam unido pelos laços de verdadeira e indestructivel amizade, da affeição sadia e enthusiasta gerada nos ardores sinceros da mocidade. Dentro em breve, dispersos para vasta extensão do territorio patrio, traçando sulcos luminosos, lá se irão elles, unidos pela grandiosidade da mesma causa, pela nobresa dos mesmos fins, aos pampas do sul, ás planicies do norte, ás montanhas do centro, aos planaltos do oeste, a espalhar generosamente o bem, a felicidade, a saude, a vida.

Chegara a hora amarga da separação. Quanta saudade dispersa no ar, quanta esperança a bailar nos corações! Adeus bancos academicos, adeus epoca feliz de bohemia! Adeus mestres queridos! Collegas amigos, adeus, talvez para sempre!

E no silencio do ambiente resoaram graves e pausadas, as palavras do compromisso: "EGO PROMITTO ME IN EXERCENDA MEDENDI ARI FIDELEM SEMPER EXHIBITURUM HONESTATIS CARITATIS, SCIENTIAEQUE"! palavras que o echo repetia, nimbadas de luz, na alma sensivel do auditorio. Promessa solenne prestada no templo da Sciencia, ante o altar da Humanidade e sagrada pela presença dos sabios e dos amigos, promessa que implica tantos sacrificios, promessa de sonhadores, promessa de sublime idealismo!

Bello, commovente, era ver-se com que firmeza de apostolos, com que fé de martyres aquella pleiade de jovens cultos alienava o bem estar proprio á felicidade social. Dali, daquelle centro de congraçamento espiritual, partirão vida em fóra e, nos recantos mais longinquos do paiz ou mesmo para alem das fronteiras da patria, sobre o dorso revolto das ondas ou nos ensanguentados campos de batalha, indifferentes ao perigo, surdos ao troar dos canhões, na missão sublime de aliviar a dor, de mitigar o soffrimento, guardarão indelevel na consciencia, em letras de ouro gravado: ...fidelem sempre exhibiturum scientiaeque..." fonte perenne de forças contra os cansaços physicos e os abatimentos moraes nascidos nas incontaveis noites de vigilia.

Vendo-os, talvez pela ultima vez reunidos, tinha-se a impressão de os acompanhar mais tarde, quando isolados, no exercicio da profissão. Este, typo do brasileiro tropical, olhos negros, cabellos revoltos, physionomia enthusiasta, em noite tempetuosa, ao ribombar do trovão, ao sibilar do vento, cavalgando ligeiro corcel, a atravessar espessa floresta, alheio á furia da natureza para attender aos reclamos de pobre colono que lá, no topo da collina, na casita de sapé, ardendo em febre, contorcendo-se de dores, teme desapparecer deixando na miseria a mulher e os lindos filhinhos, toda sua razão de ser; aquelle louro e sonhador, no bojo de um palacio fluctuante em perigo, a auxiliar o salvamento dos tripulantes para, afinal, sentir-se tragado pelo redemoinho fatal; aquelle outro, num hospital de sangue, calmo, empolgado pela sciencia, a reconstituir o que a metralha estraçalhara, numa lucta infrene contra a morte sempre presente, sem attentar siquer no choque das armas que se approximam; um outro ainda a correr de casa em casa, em epoca de epidemia, no afan santo de proteger a humanidade, e, todos, todos emfim, á cabeceira de doentes de molestias contagiosas ou repugnantes, arriscando a propria vida na esperança de salvar a alheia. E quantos delles, no exercicio da profissão irão encontrar a morte sob a canicula, no contagio, nas intemperies... Fica-se a pensar como póde haver almas tão desprendidas nesta epoca de desenfreiado egoismo.

No seio das familas o medico será o confidente de segredos inviolaveis e, rememorando o tocante juramento da collação de grão, muita vez repetirá baixinho intimamente: "LARES INGRESSUS OCULI MEI TANQUAM COECI ERUNT, MUTUMQUE OS AD COMMISSA SECRETA RITAE SERVANDA..." para logo completar: "QUOD PRO MUNERE HONORIS PRAECIPUO HABEBO NUNQUAM ETIAM DISCIPLINA MEDICA AD MORES CORRUMPENDOS, FEVENDAVE CRIMINA UTAR". Santo sacerdocio!

Que de golpes lhe padecerá tambem a alma, quantos quadros de dor não mais lhe sahirão da retina, quanto soffrimento encontrará no soffrimento alheio! Hoje, á cabeceira de doente grave, sentindo a responsabilidade daquella vida, envidando todos os esforços para debelar o mal, impressionado com o diagnostico, estremecendo ante o prognostico, esperando as possiveis surpresas do organismo, evitando as provaveis complicações, palpitando de ansiedade e da angustia que vae no coração da familia, atravessará noite de intensa, de exgotante vibração; amanhã, exhausto ainda, novas emoções encontrará. Bater-lhe-ão á porta. Será jovem mamã, desesperada, soluçante, a implorar: "Dr, pelo amor de Deus, salve meu filhinho!" Quanta confiança, que mundo de esperanças nestas simples palavras! E, ao examinar o pobre anjinho, ardendo em febre, incapaz ainda de articular palavra, o medico compadecido, alma de artista. com lagrimas nos olhos relembrará os versos de Augusto Gil:

> "Que quem já é peccador
> Soffra tormentos, emfim!
> Mas as creanças, Senhor,
> Porque lhes dais tanta dôr?!
> Porque padecem assim?!...

MARIA JOSÉ FERNANDES

O CONTO DE ARLEAVIM

O MELHOR CLIENTE

POR

A. DE QUEIROZ

Viviamos na consciente harmonia dos seres que se entendem e na mais leal troca de auxilios — retribuindo um ao outro, ponderadamente, o bem recebido. O meu amigo acompanhava-me quasi sempre, por onde eu ia, partilhando commigo os encantos da natureza e, por isso, victima, como eu, do logro que nos pregaram os meteoros — os frios, os ventos, as chuvas e os trovões... Commigo se tisnou ao clarão do sol e muitas vezes tacteamos juntos a escuridão da noite que nos atraiçoava.

Na hora dos perigos rapidos e inesperados, palpitantes ambos, nos animavamos reciprocamente — eu com as minhas plavras de alento e elle com a valentia de sua força... Sempre nos comprehendemos identificados, pagando-me elle lealmente e de bôa vontade as praticas virtudes que lhe ensinei. Em summa—porque temos de ir longe e já se vai fazendo tarde — fomos dois esforçados companheiros no mourejo da vida e nunca, entre nós, teria havido qualquer controversia se, de minha parte, não me mostrasse, ás vezes, apressado, justamente quando o amigo resolvia se retardar.

Mas o bom companheiro, o incomparavel servidor nos meus trabalhos, um dia, á sombra dum sassafraz redondo, encontrou outro amigo, melhor que eu talvez e, como se diria em linguagem reles de tropeiro, amadrinhou-se com elle estreitamente... Foi uma camaradagem de todos os instantes, na liberdade do ar livre, ao doce repouso pastoril. Amaram-se silenciosamente e, nos seus vagares, á sombra das grandes arvores, se acariciavam com ternura ; nunca se abraçaram é certo, mas a falta de braços com que fazel-o, mordiam-se mutuamente no pescoço !

Desgraçadamente por aquella CONTINGENTIA, o meu amigo e companheiro se ligou a um tranca, a um individuo desclassificado, desobediente, ruinoso em suas mimicas, indomavel, vadio e, sobretudo, insubmisso á disciplina — a unica razão de ser da sua existencia. Então, contaminado pelos maus exemplos, suggestionado pela velhacaria, annulado pela má convivencia, e não tendo quem o advertisse contra o erro, adquiriu todos os defeitos do seu nefasto amigo. . Adquiriu todas as suas baldas e desaforos ; toda a sua insubmissão, a ponto de não mais consentir que Chico, meu moleque, lhe apertasse a barrigueira e lhe puzesse o rabicho !

E foi assim, em consequencia dos maus exemplos de que devem fugir os homens e os cavallos, que o Espada, de um quadrupede castanho, laborioso e cordato, se transformou numa peste — mesquinho das orelhas, coiceiro, refugador e gavião !... O meu amigo perdeu, desgraçadamente, todas as virtudes exornativas de sua benigna pessoa...

Acossado pela necessidade, pedi algumas vezes ao ingrato bruto que me auxiliasse nas obras de philantropia que tem sido o meu cravo neste mundo, mas ao meu appello e ao milho, a azemola respondia de rabo em pé e com gallopes desabalados, pelo campo !

Tornava-se, então, necessario o supremo recurso do Campeiro e do laço. Espada gesticulava sonoro pela retaguarda, bufando indignado, mas chegava ao moirão!

Chegava, apenas para nos convencer de que arreal-o e montal-o, era coisa acima das forças humanas.

Cansado de tanta ingratidão e convencido de que Espada tinha perdido de todo aquella lealdade tão commum ao seu nome, desisti do seu concurso neste mundo e como era elle mercadoria geralmente conhecida, não me foi possivel passal-a adeante... Aguentei com as consequencias, como fazem os paes com os filhos endiabrados que recebem, por fim, a sentença de incorrigiveis, com recurso para o Arsenal de Marinha...

Depois do meu "louvado seja Deus"! Espada perdeu de todo as virtudes terrestres e as ultimas noções de disciplina. Nunca mais viu ferradura nem raspadeira; cabresto nem milho — vivia lanzudo, de crinas emmaranhadas e gordo, tal qual como o dito filho endiabrado...

* * *

Um dia, certo amigo pediu-me um cavallo para uma corrida aos veados.

— Empreste-lhe o Espada; — insinuou malevolo vizinho — lá que se avenham!

Lembrei-me então de uma caçada de veados que tive a desventura de assistir... A berraria dos cães e das buzinas; o gallope desenfreiado dos cavallos; o disparo atterrador das espingardas baludas... toda a sanha de uma cohorte de irracionaes, no encalço duma cabrinha timida e balante! E assim me pareceu que tinha encontrado o supremo recurso para regenerar Espada — o seu Arsenal de Marinha.

— Se Espada for, volta manso como um cordeiro — concluiu o ardiloso vizinho.

Pois foi, mas não voltou manso nem cordeiro, voltou derreado, offegante; de pelo arrepiado, o pescoço distendido — quasi tocando o chão com o focinho — irremediavelmente aguado!

Começa aqui a tragi-comedia da minha ignorancia e accentua-se, para todo o sempre, a minha descrença nos diagnosticos medicos. Essa descrença que nasceu no dia em que, fazendo um retrospecto da vida, fui parar na minha genesis.

... Quando nasci, por infelicidade hereditaria, nasci pelado e isso me produziu um frio insuportavel contra o qual protestei pondo a bocca no mundo! A sabia mãe que Deus me deu, julgando que se tratasse de um caso de dores de barriga, deu-me chá de aniz, e enganou-se. Este perdoavel engano materno foi a semente das minhas opiniões sobre diagnosticos... Alguns annos depois, e pelo mesmo motivo, nasceu nova creança—de outro sexo — a qual, com o correr dos tempos, veio a ser commigo, tão ingrata como o Espada. Ella, como eu, entrou no mundo pelada e berrava; sua Santa Mãe — de quem a boa fortuna me livrou — imaginando que o berro fosse de frio, embrulhou-a maternalmente em cueiros; como porem se tratava de um caso banal de dores de barriga, a segunda mãe tambem se enganou. Este outro insuccesso aggravou consideravelmente a minha duvida. Depois, o lamentavel estado de Espada, que me não sabia dizer onde lhe doia — destruiu de todo a minha crença e embotou o meu tino medico.

Rememorei todos os symptomas das varias molestias que não tenho curado; recorri aos sabios livros que me ensinam dar saude aos homens, mas não consegui dar allivio ao meu cavallo. Consultei então os meus conhecimentos hyppiatricos e verifiquei que eram nullos... Esperançado, e temendo perder o amigo e o seu custo, recorri a um entendido — o Firmiano — mas elle, por sua vez mofino, chamava por um alveitar. Fui então medical-o e, em troca do allivio que lhe dei, aconselhou-me — para o outro — uma sangria na "taboa do pescoço" e... emprestou-me um phleme.

* * *

Em baixo do telheiro grande, entre gallinhas andejas, Espada, immovel, arrepiado, de pescoço cahido, aguardava os ultimos suspiros, ou as luzes da sciencia medica tão escassamente projectada da intelligencia dos alveitares. . Arquejava e o seu ventre parecia um fole automatico, sem sopro. Segundo Firmiano o bicho tinha, no pescoço, agua que era preciso fazer jorrar por meio de sangria. A falta de outra verdade mais humana convenci-me desta da alveitaria primitiva e, munido de um martello e do phleme emprestado, avancei para a arteria do irracional. . Phleme não vem no diccionario mas existe; é um canivete que parece um martellinho, cuja cabeça é um punhal curto e rombo... Espada não se movia; fui-lhe á taboa, appliquei o phleme ao longo da arteria e malhei! O sangue jorrou num jacto grosso como este lapis... Era preciso ser "das duas bandas para não mancar", dissera Firmiano; porisso repeti, do outro lado, a mesma operação. Espada esguichava sangue como um jacto de vinho sahindo pelo suspiro dum barril...

E' preciso uma pessoa ser alveitar para ver tanto sangue sahir assim, do proximo!

Espada me perdoou a ignorancia, mas não se manteve de pé e cahiu por terra! Attravessei-lhe, então, nas duas arterias jorrantes, um alfinete sujo, prendi-os com fios de crina — era a technica. O sangue estancou e Espada não morreu esvahido e nem teve syncopes... Outro qualquer teria recebido choro e soro...

Chico acommodou palha o quanto poude, por debaixo da victima indefesa e eu pedi ao tempo o resto da therapeutica... Horas depois, Espada escutava melancolicamente a cantiga da bica dagua. Chico entendeu-lhe o olhar e deu-lhe um balde cheio — bebeu-o todo! Ao cahir da tarde — outro balde sorvido dum trago; noite fechada — outro balde!... Pela madrugada alta acordei e me veio, de subito, á lembrança a sede insaciavel da pobre besta. Não pude mais dormir: a ansia sedenta daquelle sangrado moribundo, levou-me o somno duma vez! Levantei-me então, accendi a vela, enchi o balde na bica dormente áquellas horas mortas; fui ao telheiro e Espada tragou a agua toda num sorvo! Depois deitou-me uns olhos de cavallo reconhecido e deixou cahir sobre a palha a cabeça desfalecida...

Na manhã seguinte fui vel-o. Encontrei-o de pé, tremulo e mal seguro; recebeu-me com o mesmo olhar reconhecido. Dahi por deante institui-lhe um tratamento mais humano: fubá e arsenico na ponta do canivete. Dias longos e numerosos consumi em cuidados com o meu Capital, até que Espada voltou a ser o valente que sempre fora. Longo foi o tratamento: muita palmadinha amiga e muita escovadela carinhosa me custou aquella convalescença! Por fim— foram recompensados os meus esforços e trabalhos — Espada estava gordo, pellichado e cabriolava como um poldro.

(Conclúe na pag. 33)

ARLEQUIM
PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

ANNO I — 26 DE JANEIRO DE 1928 — N. 9

sobre o voto feminino

(Bilhete a uma feminista)

Li o seu artigo. E penso minha amiga que você não tem tanta razão, como aliás, toda feminista mais ou menos exaltada.

Ainda não me foi dado comprehender que relação, ou, melhor, quaes affinidades existem entre a emancipação da mulher e o voto feminino.

Que pode significar para a mulher, o voto eleitoral? Dirá você: — "quanta ignorância pobre rapaz; que me diz das mulheres europeias e principalmente das norte-americanas que já alcançaram as mais estupendas victorias pelo voto eleitoral?!" E enunciará nas pontas roseas dos seus dedos: Miss Fulana de tal, deputada por não sei que partido: Mistress Cicrana, governadora do Estado da Luisiania; outra, secretaria das finanças, etc e tal.

Todos os departamentos governamentaes estão cheios d'ellas.

Muito bem; agora ouça aqui, minha amiga: acha mesmo que isso signifique, na extensão da palavra — emancipação feminina?

Acha, não é? Perfeitamente; pondo de parte o meu egoismo masculino, digo que é justamente ahi que acaba a desejada emancipação feminina. Não comprehendo como a mulher tentando, n'um esforço bello e applausivel, libertar-se d'uma rude e obscura escravidão, vá cair novamente, depois de ter subido alto, no seio d'uma outra escravidão, sugeita a um sem numero de imposições de todas as especies. Aquellas que orgulhosamente galgam as portarias d'um parlamento, estou certo que levam n'alma o acre sabor d'uma desillusão. Evidentemente, a mulher que entra a se preocupar com os deveres publicos perde completamente o seu prestigio — como mulher, da mesma maneira, que o homem deixa de ser homem quando effeminisa-se.

Não ha, não haverá nunca necessidade das mulheres metterem-se na politica para se considerarem definitivamente emancipadas.

Não tardará mesmo que o mundo presencie coisas inacreditaveis: como, por exemplo, um pobre homem vêr um dia sua Mãe ou sua noiva maltratadas ou mesmo agredidas por não terem votado no partido chefiado pelo visinho.

Vae n'isso um exagero que não nego; mas porque razão hade a mulher rebaixar-se ao ponto de servir de "prato do dia" d'um pasquim qualquer opposicionista, que não respeitará nem mesmo ás susceptibilidades d'um nome honrado?! E depois minha amiga, se entre ELLES a politica é ordinaria, que não será entre ELLAS?

Presenciaremos sem duvida, todos os dias, desagravos de honras ultrajadas, injurias e não sei o que mais.

Para a mulher, emancipação deverá exprimir capacidade completa para a conducta propria, escalando as ingremes collinas das vicissitudes, com a energia no coração.

Emancipação quer dizer, ainda, o exsurgir da estupidez, da ignorancia e do mêdo por um esforço potente e resoluto.

Emancipação só pode ser a affirmação da propria individualidade e nada mais.

E nunca, jamais, deverá ser ambição, vaidade, menospreso ás leis da natureza. E, minha jovem amiga, você hade convir que, para affirmar a propria individualidade, uma mulher não tem absoluta necessidade de ser deputada ou governadora. Que importa que ellas ja o sejam em Inglaterra ou em Norte-America?

Acaso prova isso que as mulheres latinas tenham menos liberdade e capacidade para se conduzirem na vida?

De modo nenhum; e a descuidada lady, que mal tem tempo de jogar o chapéo na cabeça para chegar na hora da sessão do Congresso, quando cruza, na rua, com uma jovem de olhos brilhantes conscienciosamente soberba da sua superior feminilidade, nem por isso ofusca com seu ar resoluto de mulher-homem, a fresca figura da mulher-mulher, que segue descuidada o seu caminho meditando no livro que seu marido lhe poz nas mãos para lêr. A mulher tem o legitimo direito de operar livremente e segundo o seu temperamento e de accordo com as leis naturaes, que são leis positivas. Para isso não é necessario que ella seja um "cabo eleitoral".

E' necessario apenas que se espiritualize, e nada mais. E espiritualizando-se ella encontra naturalmente a sua força. Ha bastante força na alma das mulheres; a fragilidade feminina é uma utopia.

Os grandes philosophos nunca foram athletas e os athletas nunca foram grandes philosophos.

E a mulher actual deve ser aquella que vibra sem hypocrisia, impulsionada por um ideal elevado; a que procura, nas espiraes da luz, a soberba realidade das coisas; a que accorda as almas para o banquete da Espiritualidade, e que ascende nesta espiritualidade, como uma pluma perfumada!

E é por isso que de ha muito eu sou feminista, minha amiga. Adoro as mulheres intelligentes como você. Não comprehendo, mesmo, onde residia o encanto das de outr'ora, incapazes de emittirem umao pinião pessoal.

Através da historia de todos os tempos as mulheres foram humildes e inconscientemente escravas do meio em que viveram, e, as poucas que procuraram, na politica do seu paiz, a emancipação desejada são excepções tão lamentaveis que seria melhor não se fazerem regra. Até onde chegou a politica depravada de Lucrecia Borgia? Aos assassinatos, á ruina e á devassidão romanas. Catharina, a Grande, que, na Russia, imperou sempre com despotismo, sem fazer nunca esquecer as suas violencias e o seu comportamento desregrado. Izabel, a sangrenta, que durante muito tempo enlutou a Inglaterra.

Como vê, eu poderia citar uma infinidade de mulheres como estas. Dirá você: — "os homens nada nos ficam devendo." — Certo, minha amiga, a só differença é que o que no homem se torna abjecto e vil, na mulher toma proporções monstruosas de degenerescencia, por ser ella a fonte da vida, d'onde devem emanar todas as bellezas e ás doçuras da vida. E, vivendo n'um meio de ambições, rodeada das peiores intrigas, a mulher forçosamente hade cair, descer, cháfurdar no tremedal do vicio. Ora, minha amiga, esqueça o voto feminino, e deixe ao homem o papel de ser ruim. Trabalhe, apenas, para a dignificação das suas irmãs de texo.

Um dia, chegará a mulher a attingir á posição que lhe compete na organisação da sociedade (que se está plasmando agora, dentro do chaos resultante da destruição dos principios antigos), e que é a de cooperadora leal e necessaria ao homem na solução dos graves problemas decorrentes da constituição de um lar. Dirijo-me tambem ás mulheres que nada mais aspiram além do casamento, áquellas que sentem desencanto por um resurgimento salvador, capazes de grandes surtos, dignas de revolucionar uma época.

O jugo maior vive mesmo na propria mulher. Destrua ella, sem medo, as trevas da ignorancia, e verá que a independencia economica, disso decorrente, lhe trará a grande vantagem de prover a propria subsistencia, sem que necessite de se soccorrer do casamento, como de um expediente mercantil.

E, minha admiravel amiga, uma organisação que considere a mulher, do ponto de vista social, como similar ao homem. senão superior em certos aspectos, estará, creio eu, visinha da perfeição.

Estou mais que convencido de que, no dia em que a mulher tiver attingido concienciosamente a méta dos seus ideaes, jamais quererá disputar ao homem o que lhe compete por leis naturaes e porisso mesmo positivas. As mulheres triumpharão, sem duvida.

Pedindo perdão pela minha impertinencia, sou de sua graça e talento fervoroso admirador.

Phelippe Gaston

MASCARA DE COLOMBINA

DIALOGO NUMA ENCRUZILHADA

Na tarde fria os dois conversam.
Recanto de jardim deserto.
Ella: 20 annoos lindos.
Elle: 27, mascara de tristeza taciturna, um brilho extranho nos olhos.

— Meus cumprimentos. Lindo esse vestido. Patou ou Lanvin o assignariam com desvanecimento. Veja com que volupia a saia ondula em caricias lentas, longas, e anceia por cobrir os pomos dos joelhos, com ciume de meus olhos. A sua alma deve ser assim pequenina. Linda e cor de rosa. Eu creio que ella é uma boneca de porcellana, deste tamanho, que diz pápá, mãmã. E tem uns olhos verdes muito grandes ,simples e ingenuos. Olhos de olhar a vida por fóra. As cores, as linhas da superficie. Uma alma bébé.

— Prefiro que V. diga só coisas amaveis de meu vestido. Deixe em paz a minha alma. Creio que não ha de querer quebrar-me para ver como ella é. Quer um *bout doré?*

— Obrigado. Gosto mais do seu perfume. Elle me conta uma porção de segredos de V., de sua pelle, de...

— Chega. De arripiar?

— O segredo de uma mulher bonita nunca é de arripiar. Só a fealdade tem esse privilegio.

— Esse caminho é perigoso. Sae do parque em que V. é só e senhor e vae ter á praça publica da vulgaridade .Abandone-o.

Diga-me antes, quando nos casamos.

— Agora mesmo fechei os olhos e vi : O oceano em furia na noite sem estrellas. As ondas brincam com um barco desgovernado. Jogam petéca com elle. Dentro do barco um homem apenas. O seu manto é batido por ventos que lhe fallam de todas as terras. E do abysmo do tumulo e do abysmo da vida. Os buracos dos seus olhos furam a treva em todas as direcções, buscando anciosamente. O que? Ninguem sabe. Elle sabe somente que a grande inquietude cravou as garras no seu coração. E que agora não é mais que um espectro de carne, cheio de fios imantados a vibrar, vibrar, como se fossem os nervos de um nevropatha.

O homem que está no barco é minha alma.

— Coitadinha... Vou atirar-lhe um salva-vidas...

— Ria, minha boneca. Mas não é piada. Fallo serio.

Eu aspirei com delicia, longamente, numa volupia de embriaguez, um frasco de ether perfumado. Elle rodopia, no meu sangue, adheriu ao meu cerebro, á medulla, ao buldo, aos nervos. V. é esse ether perfumado.

— Afinal ! Como sou feliz. Nem quando ganhei o primeiro premio de phantasias no ultimo carnaval — lembra-se? — fiquei tão satisfeita.

Escute, meu amor. Quando nos casarmos eu quero pegar na minha innocencia, na minha paz, na minha simplicidade, e fazer com ellas a rêde de embalar em que V. esquecerá a sua angustia. Os meus olhos e os meus labios matarão a sua sede de atormentado. Quando nos casarmos...

— ...odiar-nos-emos ao sentir a ronda tragica da minha pobreza em torno de nós...

— Não. O meu amor é mais forte que a vida. As minhas mãos ficarão mais bellas trabalhando para ambos. E eu serei feliz, feliz... (A sua voz musical punha lagos de luz na tarde cinzenta.)

Quando nos casamos?

— Nunca. Abra os olhos ,querida. O romantismo morreu. Olhe em torno a vida. Ella exige palacetes, automoveis, joias, vestidos modelos, viagens, e tanta coisa ! Impossivel. Impossivel. Esqueçamos o nosso sonho lindo. Acabou-se. Não guardemos rancor em nossa alma. Que a nossa separação seja suave como um canto na noite. V. é o veneno perfumado para sempre dissolvido na minha carne. Lembre-se de mim algumas vezes com saudade. (A sua voz tremula tinha syncopes de soluços.)

— V. sabe, o Henry me pediu em casamento?

— Aquelle americano da Lincoln vermelha? dono das Fabricas de Moveis Reunidas?

— E'.

— Bom partido. Quer dar-me um cigarro? Acho que V. faz um bom casamento.

ARMANDO D'ALMADA

BONECAS

Bonecas !
Bonecas !
Bonecas !

* * *

De feltro, de trapos, de louça, terracôta, biscuit, porcelana e... de carne !

Bonecas, brinquedo nas mãos das creanças !

Bonecas, mulheres-enfeites de sala !

Bonecas, mulheres-brinquedos !

* * *

Eu conheci uma bonequinha de terracôta, parecida com você, namorada !

Eu beijei aquella bonequinha pensando em você. Não sei como ella falou-me : "Mamã".

Que diferença, namorada ! Você só fala amor !

* * *

Um dia achei uma garrafa verde, uma garrafa vasia enleiada em trapos — bonequinha de creança pobre — Que parecida com você, namorada! Você é minha bonequinha, eu sou tão pobre !

E, não se amue. Você é quasi vasia. Até o coração, sua unica herança, já é meu.

* * *

Namorada, eu sou tão pobre... Assim mesmo sonhei como creança — a creança que você me faz — sonhei com um presente de Natal.

Eu estava tão grande...Eu era o mesmo homem e ganhava uma caixa bonita, vistosa !

Dentro, toda vestida de noiva, estava a bonequinha morena que é você.

Nunca outra mão abrira a caixa !

E, quando eu o fazia, caiu-me ella das mãos ! Fiquei chorando...

Bonequinha-noiva quebrada !

Eu sou tão pobre !...

JULIETA GUERRINI

Quando o padre as manda embora. , . . .

. . . . sobre os paralelepipedos grosseiros de S. Paulo, passam pisando pequeninos pés.

Tão linda, toda de branco, e só! Tempo virá, entanto, em que da igreja sahirá tambem de branco, mais linda, ainda, e. . . não só. . . .

Sabem de cór todas as rezas, mas não dispensam o livro de orações.

Que sól impertinente e malcreado!
E o automovel que não chega para leval-a dalli!
Arre!

Uma sorriu. A outra não. Ficou séria, serinha mesmo.
Porque? terão seus olhos andado em leilão por toda a igreja?

Porta de Igreja. Curiosidade. Amabilidade. Protocollo. O pae da moça não vê o rapaz que cumprimenta... Ella olha gara a irmã d'elle. As que passam percebem.. o que podem perceber.

ROSAS DE LUZ

de LUIS ERBON

O nosso amôr nasceu dum sorriso...

Os teus labios carminados haviam de leve tocado na chavena de Sévres. E os teus olhos, — duas nuvens coloridas de azul — deixaram na minha retina de nomade o ideal dum sonho que nunca mais teve fim...

Senti no teu olhar a maravilhosa distancia do infinito. Era todo um céu deslumbrante, transbordante de promessas.

E nos teus labios eu senti a ondulação dum campo numa alleluia rubra de papoulas.

Eu fumava um cigarro turco. E as espiraes alouradas que se perdiam no ambiente elegante do "five ó clock" dessa tarde, formavam ás vezes pontos de interrogação.

O teu sorriso era fascinante.

E quando nos sentimos mais perto um do outro, notei que elle descobria dois collares de perolas humidas do orvalho morno de tua bôca ansiosa...

A tua voz cantou nos meus ouvidos uma surdina dolente de cascata distante...

A garôa amaciava o barulho dos automoveis no asphalto. E o teu perfil de nevoa se desenhou nos espelhos baços das calçadas que o sol illuminava brandamente.

Aos poucos a cidade se tornava silenciosa. O crepusculo descia.

Esparsos relampagos de luz ainda feriam o horizonte.

E eu fiquei sosinho, olhando com saudades o fenecer desse dia que rasgou a treva do meu coração.

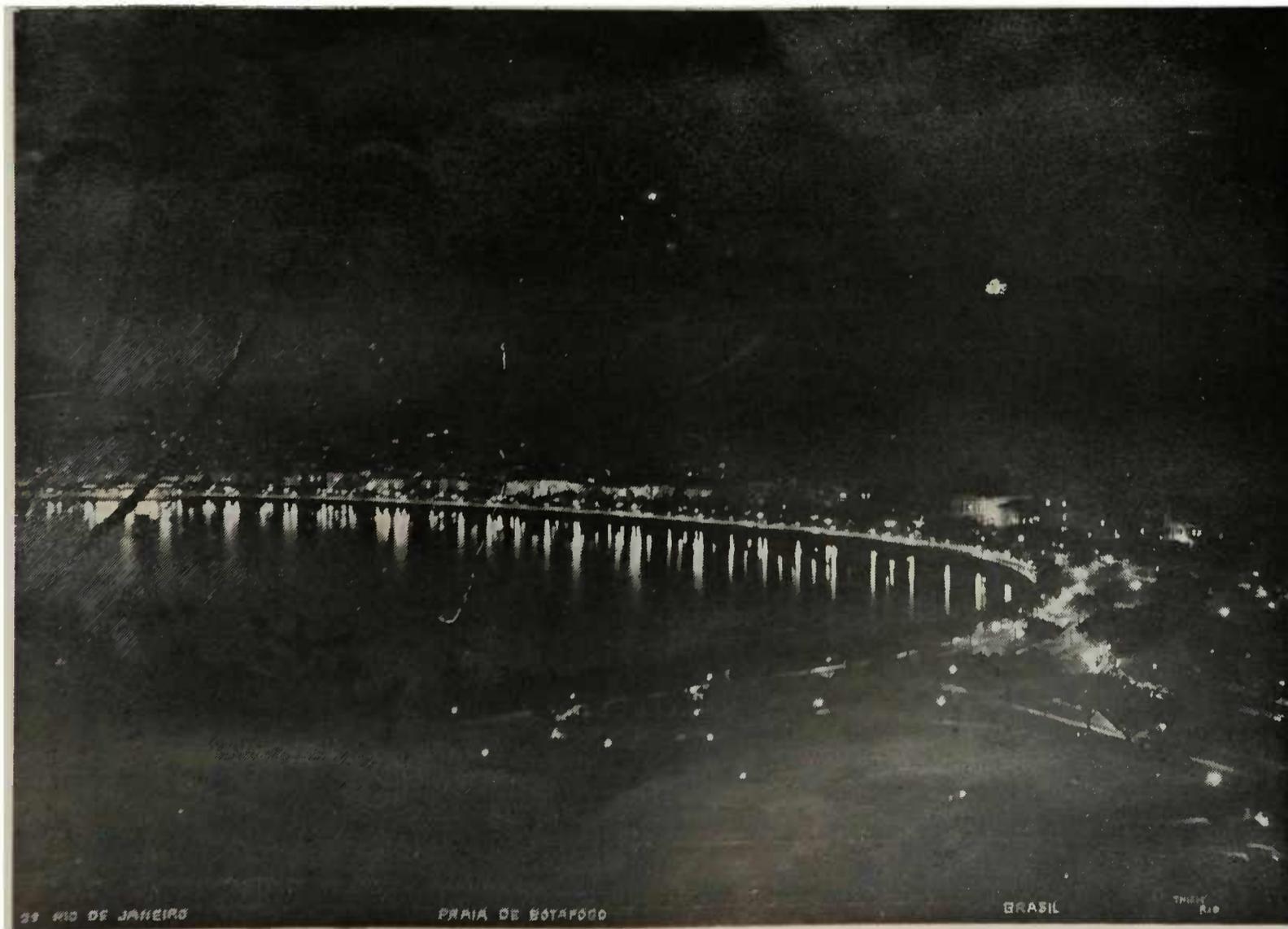
Até que a cidade inteiramente se transformou num jardim levantino pleno de rosas de luz...

Estas senhoras devem ser discretas, timidas e amaveis como os sorrisos que esboçam...

Riem as tres. A de lá porque é moça, porque o dia é claro, porque se acha bonita. A do meio ri porque ri! A de cá... por elegancia, por amabilidade. De todas ellas a mais natural é a senhora que se esconde, contente, vendo rir as outras.

Nocturno Carioca

As estrellas de prata, a lua de opala,
Todas as joias que o infinito encerra
Cahiram sobre a terra,
De tanto namoral-a...
O oceano immenso
E' todo um fulgurante sorvedoiro,
E a cidade sorri como um jardim suspenso,
Florindo luz sobre columnas de oiro...
Um casal de palmeiras,
Como aquelle pastor que foi principe um dia,
Debruça-se e mergulha as cabelleiras
Na calda de oiro da bahia...
Ha nas praias mulheres luminosas,
Cujos vestidos
São quebra-luzes multicoloridos
Velando lampadas maravilhosas...
A terra encanta, só de vel-a,
E o Corcovado,
Que tem pena de ver o céo tão mal illuminado,
Ergue nas mãos uma estrella...

Narbal Fontes

A primeira festa de Edith Falcão

17 de Janeiro - Apollo.

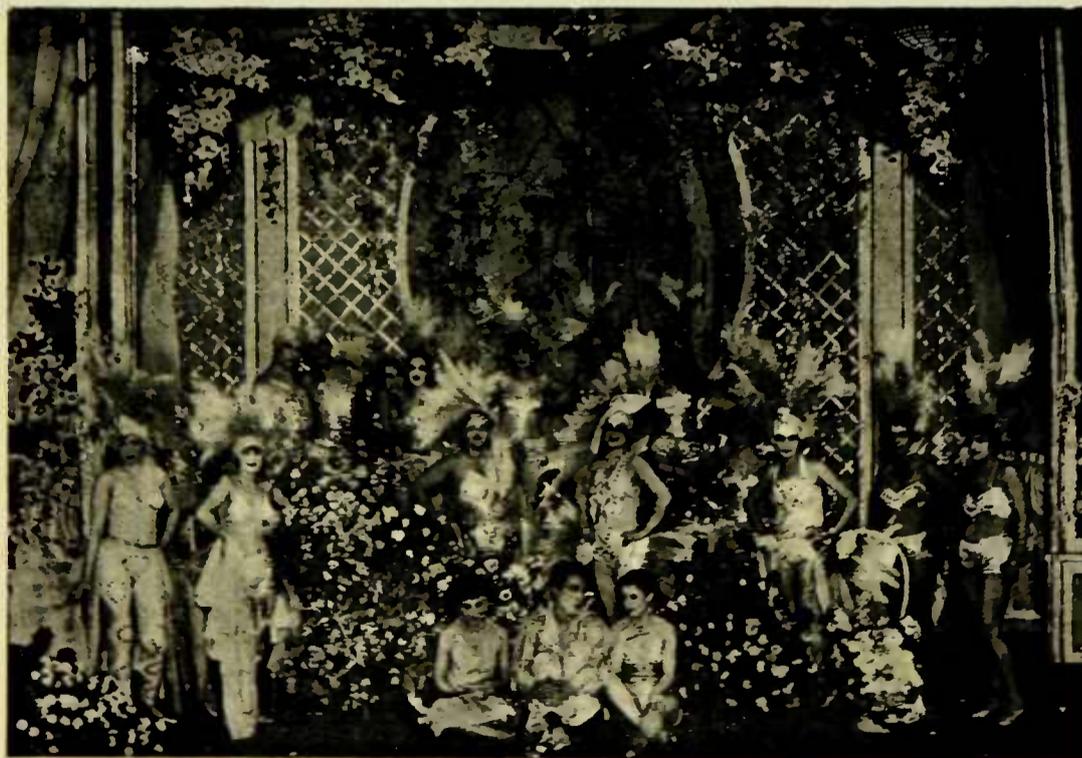
Quantas palmas, meu Deus e quantas flores.

Edith estava encantadora e. . . commovida — era a sua primeira festa, cujo patrocinio coube a "Arlequim"

EDITH FALCÃO

Antes da festa. Estava assustadinha, ainda . .

Quiz agradecer com algumas palavras, mas não poude.

Então, num grande beijo, seus labios disseram, uma fraze linda e muda, o agradecimento mais seductor que se pode dizer. . . .

O quadro final de "Arlequim", revista que foi levada á scena na noite de 17

Itala Ferreira, na "Bahiana" quando canta os "Fuzileiros navaes", onde é sempre fortemente applaudida,

Edith Falcão e Luiz Barreira que formam o par mais encantador da Ra-ta-plan

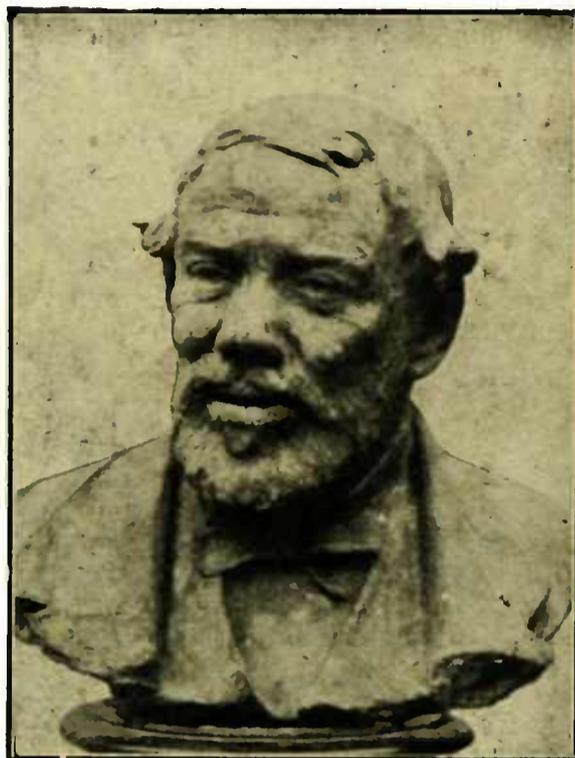
Luiz de Barros, director da Ra-ta-plan, entre Itala Ferreira e Edith Falcão, as duas estrellas daquella companhia.

Luiz Barreira é, com certeza, dos actores mais queridos da Companhia Ra-ta-plan. Cheio de mocidade e belleza tem ganho das platéas paulistanas tempestades de applausos. Por isso, é de suppor que a sua festa artistica a realizar-se amanhan, á noite, no Theatro Apollo, obtenha muito brilho, tanto mais que Barreira dedica o seu festival ás senhoritas de São Paulo e levará á scena a bellissima revista "Viva a Mulher", arranjada especialmente para elle.

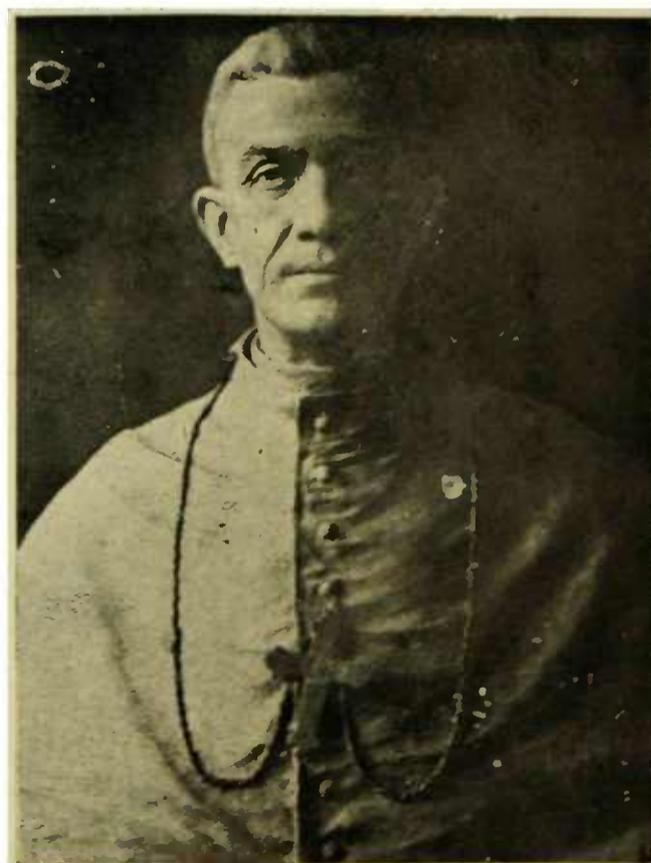
Manoelino Teixeira. E' portuguez? Allemão? Turco? Ninguem sabe. Manoelino Teixeira é o que quer ser. Incarna uma porção de typos differentes com perfeição admiravel. Ganha sempre uma infinidade de palmas. Pudera, se é elle quem nos faz esquecer por momentos que esta vida é má! A sua festa artistica elle a realizará com Giordanino, no dia 7 de de Fevereiro proximo. E será um successo, com certeza!

Entre as melhores surpresas que nos proporcionou a Ra-ta-plan, uma nos foi sobremaneira agradavel: o reapparecimento de Attilio Giordanino. Affastado ha um anno do theairo, S. Paulo inteiro tinha saudades desse fino artista de opereta, que tanto applaudira nas companhias Clara Weiss, Léa Candini e em outras de egual valor. Intelligente e sympathico, comico elegante, Giordanino sabe conquistar os aplausos de quantas platéas o vêm representar, Por isso, a sua festa com Manoelino Teixeira terá certamente ruidoso exito. Será levada á scena a linda revista "Paulistaneide", escripta especialmente para os dois artistas, e que é absolutamente inédita.

Um principe da esculptura

Outros trabalhos de Pasquale Fosca

Cabeça de velho

Trabalho que se encontra no Museu "Petit Palais" de Paris

Marechal Caviglia

D. Duarte Leopoldo

AÇUDE

Immoto, sonhador, quasi á beira do rio,
o açude espelha o azul, no seu liquido olhar,
procurando, lá no alto, ancioso, divisar
o vulto branco de uma garça, branco e esguio.

Elle sonhou-a, um dia. Annos e annos, a fio,
o tempo tecelão foi tecendo em seu tear.
E, immoto, sonhador, quasi á beira do rio,
o açude envelheceu feliz por esperar.

Quando, filha do azul, a garça vier, um dia,
o açude, a murmurar, cantará como um poeta,
e espelhará tão bem o céo azul cobalto,

que ella, presa de encanto á suave melodia,
na illusão de que é um céo a agua limpida e quieta
— nunca mais ha de alçar o seu vôo para o alto.

Mercado Junior

Cada macaco no seu galho

As leitoras de "Arlequim" ainda não conhecem o meu amigo X. Todavia não o apresentarei. Aos poucos irão sabendo delle, como agora, no relato de conversas que commigo costuma ter.

Uma destas tardes de verão carioca, radiantes e frescas, de depois das chuvas, a contemplar o azul doce e limpido do nosso ceu, encontrei-o, na primeira mesa, quasi á porta da "Americana".

Prolongado aperto de mão.

— Que belleza !. . .

— Muito obrigado. Somos, então, duas bellezas. . .

— Falo da tarde, "seu" feio.

— Nesse caso ainda serão duas as bellezas.

— Não lho agradeço.

— Nem se faz preciso. Quer um "cock-tail"?

— Prefiro uma limonada. . .Ha muito que o não vejo.

— E' isso. Desde a ultima vez.

— E' isso. Não ha duvida. E' isso. "Un quart d'heure avant sa mort il était encore en vie".

— Não lhe agradou. Vario então. E' que não nos temos avistado.

— Deixe-se de gracinhas. Vamos conversar a serio.

— Nunca tivemos doutras conversas.

— De você sempre se tira alguma cousa. E eu preciso de assumpto, como de pão para a bocca.

— Cuidado! Não vá confundir-se... e mastigar-me.

— Não sei onde está o chiste.

— Nem eu.

— Deixemo-lo, então, em paz e vamos ao que serve. Que pensa você da campanha pelo voto feminino?

— Penso que ficou encalhada no Senado.

— Mas por vontade das combatentes.

— Não prova em contrario. Se lanço, propositadamente, deliberadamente, o meu navio de encontro á praia, nem por ser isso o resultado da minha vontade, deixa o navio de estar encalhado. Encalhado por acto meu, mas encalhado.

— E' só isso que sabe? Pois não é muito. Não se faça de rogado. Parece-lhe que a cousa irá? Terão as mulheres, afinal, o direito do voto?

— Terão. . .ou não terão?. . Interrogaria a si mesmo o Hamlet. Mas eu não me interrogo. Não, que eu não vivo em Elsenor, ao tempo do desgraçado principe dinamarquez. Sou um homem do meu seculo. Não posso perder tempo com essas bagatélas de meditações, de reflexões. Resolvo tudo de prompto. As mulheres terão o direito de voto e logo depois o de serem votadas. Está satisfeita?

— Não. O que mais me interessa é saber o que julga você dos resultados dessa conquista. Que espera de tudo isso? que diz?

— Não espero nada. E digo apenas o que está dito e redito.

— Mas o que é que está dito?

— Sinthetizo em tres opiniões publicadas nas entrevistas sobre o caso.

— Você já lê entrevistas? Muito me conta. Já que não as provoca, contenta-se em saber das dos outros.

— Agora, pelo menos, quem as provoca é você. No bom sentido. Entenda-se bem. No bom sentido, no de colher para a sua chronica as minhas palavras. Mas se as quer de véras, não me interrompa.

— Promettido !

— Então, vá lá. Uma dessas opiniões se resume nas palavras de illustre senhora, para quem a mulher nada lucrará com o abandono do nobilissimo papel de mãe de familia, e com o entrar em competencia noutros mais grosseiros. Na realidade, diria eu, se tivesse de advogar esssa causa, na realidade, muito mais delicadeza, muito mais fino tacto é preciso para formar os futuros cidadãos, do que para mandar para o Congresso ou para o Conselho Municipal gente como alguma que por lá anda. Para contrariar, para corrigir certas disposições naturaes de seres ainda em formação, ou para desenvolver, para aproveitar outros convenientemente, para descobri-las, para advinha-las é indispensavel muita dedicação, muita perspicacia, muita intelligencia, e, diga-se tambem, muita cultura. Trate, pois, a mulher de cultivar o seu cerebro não só para bem educar os filhos, como ainda para bem aconselhar o marido, para bem dirigir a sua casa, e sobretudo trate de conservar o coração, não o exponha ás rudezas, ás baixezas das lutas politicas.

— Basta ! Basta ! Vamos á outra. Do contrario, não haverá espaço que chegue.

— A outra é de conhecida escriptora, já glorificada. Em troco de miudos : só o direito do voto, é pouco, tambem a mulher deve ser votada ; os homens têm feito tanta coisa ruim, que é bem possivel venham as mulheres a faze-las melhor. Ao que replicaria eu, se tivesse de discutir o caso : sim, é bem possivel, mas não o é menos, que venham a faze-las peor.

— E a terceira?

— Essa agora, já não é uma opinião femenina. E' de um professor de direito, literato, normalista, poeta, publicista. Para elle o que ha de estranho em tudo isso é que a mulher possa escolher quem decida da sorte dos bens publicos, ou delles decida ella mesma, e, no emtanto, não tenha capacidade juridica para dispor dos proprios, na maioria dos casos.

— E a sua?

— A minha é que "tudo no mundo são palavras, mas com ellas se tem feito muita cousa". E ahi ha Shakespeare, desenvolvido pelo Goethe. Ha tambem um critico que cita a sentença em um de seus livros. Veja que não é pouco.

— Você está mássador. Dê-me, de uma vez, a sua opinião, que tenho mais que fazer.

— A minha, não é minha. Adoptei-a. Ouvi-a uma vez e fiquei-me com ella. E' assim : se Archimedes tivesse dirigido sua actividade para uma officina de sapatos, seria um sapateiro como qualquer outro, mas a geometria teria perdido o seu genial constructor, pelo desvio de um orgão indispensavel em certa funcção, para o exercicio de outra em que facilmente seria substituido. A mulher poderá ir fazer, no Congresso, o que elles fazem, ou no Conselho Municipal, indicações para que o Prefeito mude o nome de mais algumas ruas, mas a familia perderá o seu anjo tutelar ; trocará assim a mulher uma funcção em que é insubstituivel por outra que qualquer pode exercer, e não escapará daquillo que a Archimedes aconteceria se se tivesse feito sapateiro. Concorda?

— Nem sim, nem não. Não lhe endósso, nem lhe rejeito as palavras .Vou apenas registal-as na minha chronica.

Alba de Mello

o senhor lobishomem

— *"Ah sinhô! o lobishome"* —
disse a conga banzando,
tinha eu meus seis annos —
"o lobishome joga fogo pelos óio
e ás sexta á meia-noite sae correndo a coxia
a tocá nas matraca que tráis
assombrando. "

Tive pena do duende a vagar entre os homens.

Tive pena e não medo;
e quiz um dia ver o pobre lobishomem.

E á hora morta escutando o troar da matraca
eu corri de mansinho até a porta da casa,
escancarei-a sobre a noite.

e olhei tremendo a sombra:

— Oh Senhor Lobishomem!—

Mas nada.
O som que ouvira era o *fla-flac* das taquaras
de onde o vento me trouxe um punhado de flores;
e da furna da treva,
onde o açude imitava os delirios do céo
com uma dansa estrellada e um nevar de perfumes
só com olhos de fogo me envolveram
as almazinhas do silencio — os vagalumes.

Todo o matto dormia.
E desde então
soube que é vão o Espirito do Medo, que visionam em ti
— minha Terra bravia.

Para os que te olham com amor—Terra de joias—
teus lobishomens têm os olhos das estrellas
e teu solo solar, tua tenda de luz
é a alegria, a alegria, A ALEGRIA!

MURILLO ARAUJO

TRIANGULANDO

Vou á cidade por vicio . .
Ou por vicio ou por costume,
Ver da vida o artificio
Que inteiramente a resume

N'um cantinho do passeio,
Abro pacato o jornal,
Mas vou fingindo que leio
Ao ver Fulana de Tal :

E' pequena d'alta róda,
Risonha linda e coquete,
Toda chic, toda moda,
Todinha "baton-brunette"

Faz calor ! Vestido leve :
Parece que se evapora,
Um braço branco de neve
E a perna toda de fóra

A seda fina sacode
No seu passinho modesto ;
Mostra a perna o quanto pode
E o vento que faça o resto

Appareceu não sei como !
E não sei para onde vae
Nos seus olhares eu sommo
O que dos meus subtrae...

Ella sabe que domina,
Que faz da gente o que quer !
Tem astucia feminina
No seu todo de mulher.

E' de belleza um compendio
De fina encadernação
Em cada olhar um incendio
Que incendeia o coração !.

E a gente que já conhece
A vida no seu novelo ;
— "Um sonho que desvanece
Pode virar pesadelo ! . ." —

....

Pela rua a lufa-lufa :
Dona Ambição não se foi !
— Eterna rã que se estufa
Para ser maior que o boi...

E Dona Leviandade,
Prima-irmã da Ignorancia,
Com Dona Futilidade
Falava mal da Elegancia

Numa Packard de verdade,
Tendo a riqueza no bucho,
Passeavam pela cidade
A vaidade e o luxo . .

Dona Miseria — coitada !
Com seu triste olhar mendigo
Numa sargeta sentada
Via a Descrença commigo.

Perto de mim, muito perto,
No silencio que a envolvia,
Estava de olhar aberto
A Dona Philosophia,

Que, num suspiro profundo,
Dirigiu-se para mim :
— "Pois é isso ! Isso é do mundo
Esta vida é mesmo assim "

DR. FELIX

Lia Torá,

que levou para Hollywood o encanto moço da sua graça tropical de brasileira.

ELEGANCIAS

—Eu desconfio que Pan não morreu, minha amiga. Essa desconfiança é sempre renovada quando estou deante do mar.

O dia começa a nascer. Faz um calor de meio dia e ainda não ha sol. O numero de banhistas avoluma-se. Meu amigo mau está deitado de bruços na areia, frente para o mar.

— Pan desertou da Hellade na agonia dos hellenos. Foi viajar pelo mundo e o mundo não era mais aquelle grande jardim dos primeiros dias da terra. Um philosopho triste apparecera para inventar peccados, perseguir a saude e perseguir a belleza. Pan começou a desprezar os homens. As mulheres, depois que descobriram que a maior belleza é a belleza das roupas, tornaram-se tedientas e ridiculas.

Pan achou que a terra era um caso perdido e se foi para os dominios de Neptuno onde as sereias ainda ignoravam o reinado da moda.

A onda de banhistas vae crescendo. Ha senhores ventrudos como Silenos, senhoras que lembram Baccho em travesti, ha tambem copias de Apollo e mulheres admiraveis, cujos corpos não soffreram nunca o irreparavel contacto do espartilho.

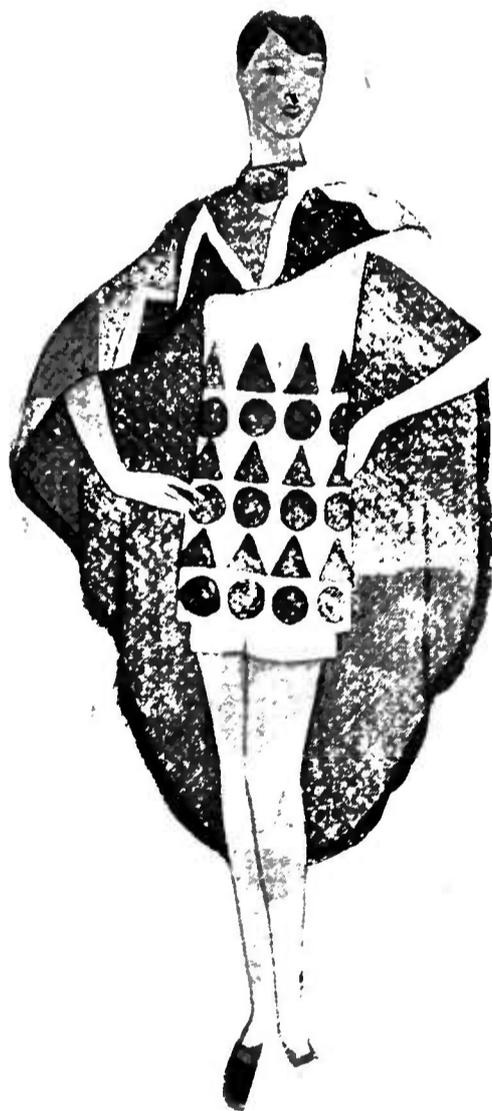
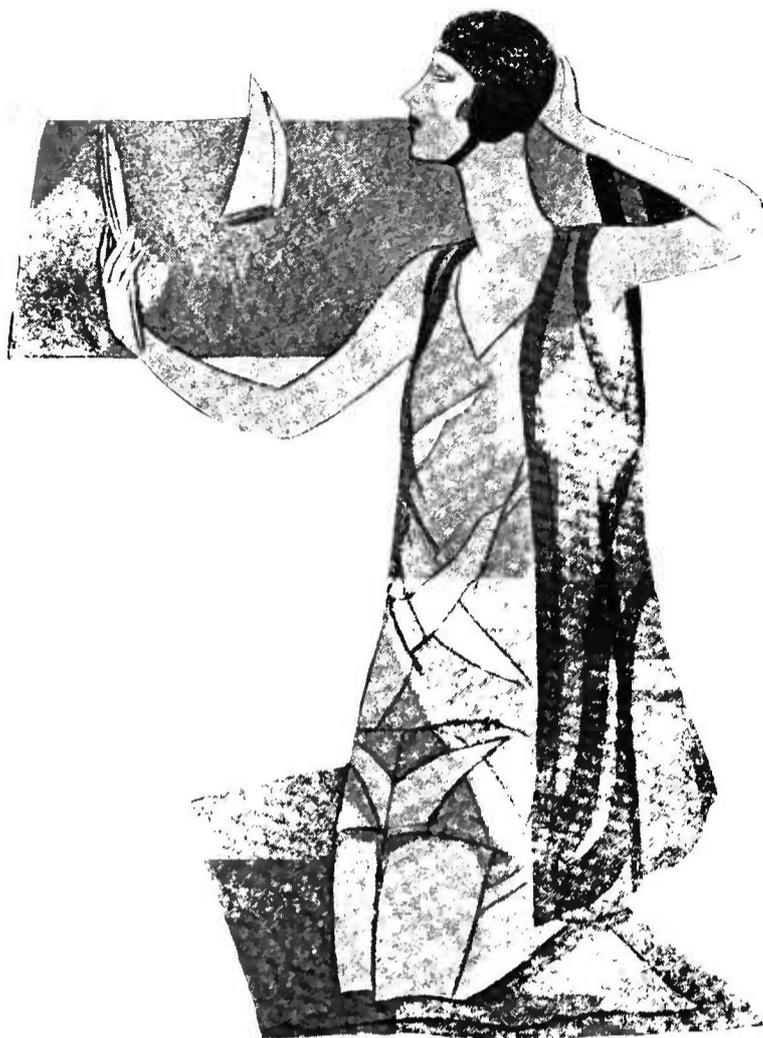
Entre as lindas, uma mais linda.

— Helena

Elle sorri.

— Não, minha amiga. Ella é linda demais para ser Helena. Os hellenos amavam senhoras demasiadamente massiças, ainda que harmoniosas. Miguel Angelo e Rubens herdaran delles esse gosto singular pelos pesos maximos. Essa é fragil e harmoniosa. Adão perderia seis paraisos si Eva fosse assim. Si eu não a conhecesse de S. Paulo acredital-a-ia uma figura evadida de um certo vitral de Puvis de Chá Vannes, que eu conheço.

O sol chegou. Deante do mar e dentro da luz os corpos bellos são mais bellos.

— Pan deve andar ahi, minha amiga. Elle é a inquietude que mora nessas ondas violentas que vieram ver as sereias da terra.

Desde agoro as manhãs na praia são cheias de cor e alegria. As roupas de banho são menos roupas de banho do que phantasias para a noite. No entanto, os ornamentos que as enfeitam, madreperolas, coraes, perolas, evocam Venus, as ondas, as profundidades marinhas.

* * *

Estendidos na areia, semi-nus, como deuses e deusas antigas, homens e mulheres recebem os raios solares que lhes douram a pelle. Os gestos simples e graciosos da mulher estão em harmonia com a doçura da areia dourada da praia e do incomparavel scenario do mar azul.

* * *

Os corpos estirados, a cabeça repousada sobre os braços dobrados para traz, tem quantas vezes attitudes dignas da arte antiga!

* * *

A respeito de roupas de banho muito pouco ha que dizer, pois as mulheres adoptaram o simples mailloh, que lhes facilita os movimentos de natação. Entretanto, para aquellas que não nadam e preferem apenas os banhos de sol, as roupas de banho, como dissemos, são verdadeiras toilettes.

* * *

O jersey e o taffeta são os mais usados.

Nestas roupas toda a excentricidade é permittida, e vêm-se muitas até com desenhos cubistas.

* * *

As capas são imprescindiveis nestas toilettes e devem sempre combinar com ellas, quer na cor ou nos desenhos.

MARILÚ

Quaesquer consultas sobre elegancias devem ser dirigidas a Marilú, caixa postal 3323.

"ARLEQUIM"

Tango que Fernando de Sampayo e Julio Villamonte compuzeram em louvor da nossa Revista.

ARLEQUIM

Solo de Bandoneon

1ª

2ª

A "Orquestra tipica argentina", que tem obtido ruidoso exito com o tango "Arlequim". Vêem-se, da esquerda para a direita, Lilico Leal, J. L. Villamonte, Zunga Leal e Fernando de Sampayo.

Elegancias... masculínas

ARLEQUIM inicia neste numero uma secção de elegancias masculinas.

Os homens formam, no conjuncto, o que se convencionou chamar de "sexo forte" E o outro sexo, as mulheres, tem o invejavel classificativo de "bello"

De onde De onde se conclue que si o sexo masculino não é feio, bello tambem não é. Será, talvez, indifferente.

Cumpre, pois, embellezal-o E para fazel-o, ao menos na forma mais apparente e apprehensivel, ahi estão os primores e requintes da indumentaria.

Trajar, vestir. Apparentar, apparecer, afinal! Dar, á primeira vista, numa composição de pannos, botões e linhas, couros e metaes, uma impressão inicial de bom gosto, apuro, correcção, tal o problema em que se debatem os homens.

E é um problema difficil, este, para a parte viril do "genus homo" Depois que o puritanismo britannico deu ao mundo a noção de discreção, de apagamento, quasi, no que diz respeito ao vestuario masculino, os homens ficaram fechados num cerradissimo circulo de limitações. A despeito, embora, da influencia commodista trazida pela guerra, com os sapatos largos e grossos, os collarinhos molles, os chapeus flexiveis, as camisas sem gomma e o sem-colletismo que, a exemplo da abolição do espartilho das mulheres, é revolução semelhante ao do sans-culottismo, ainda muita coisa lhes está vedado. Continuam, como ha mais de um seculo, adstrictos aos grandes motivos cylindricos na concepção architectonica do vestuario. Pernas mettidas em cylindros, pescoço e pulsos com cylindros enrolados e o proprio tronco cylindricamente envolto. Só nos chapeus é que houve alguma emancipação, mas nos tubos de seda brilhante e nas palhetas o cylindro é visivel ainda.

Isto quanto ás formas. Quanto ás côres, graças á vida dos esportes, que nos approximou da agua, essa irmangemea do exercicio, os escuros tendem a desapparecer. O preto já quasi morreu, para o dia; o azul-marinho vae perdendo terreno; só o "marron" a mais bella e elastica de todas as côres escuras, está destruida a sua legenda de azarenta, tornando-se cada vez mais usado. Não valesse para isto sua tendencia de assimilação ao pó e não servisse, tambem, sua marcada approximação com as pelles bem queimadas de sol e de vento.

Agora as côres claras dominam o campo. Comquanto tenham, ás vezes, marcado effeito vulgarisante, imbecilisante, até, o que se vê por toda a parte são as cambiantes leves do pardo, do cinzento, do verde e até do roxo.

Que perigo, porém! Como é facil cahir da sobriedade abotoada de um azul-ameixa á negligencia não-me-importista de um amarellinho qualquer!. E tudo pode concorrer para isto: a molleza enrugada de um collarinho, a elephantiase desconsolada de umas calças largas e compridas demais, o ridiculo aparamento de um paletó curtissimo.

E tudo, porque? Porque nos desviámos, á brusca, das tradições da elegancia latina, tão fortemente vincada de individualismo, com o seu conhecimento e valorisação de cada typo, para adoptarmos de prompto a inspiração egualitaria e uniformisante — ou falta de inspiração — dos ultra-esportivos e super-negocistas anglo-saxonios. Povo de homens pequenos, escuros e nervosos, estamos imitando, gente alta, clara e pacata. E copiamos exaggerando. Que importa si a nossa caracteristica anatomica são as pernas curtas em relação ao tronco? Tomamos-lhes as calças typo "Oxford",

verdadeiras repetições do ridicularisado "balandrau" dos nossos avós e tornamol-as mais largas e fazemol-as mais compridas.

Temos cintura accusada, é certo. "Elles" não a possuem. Não seja este, porém, um impedimento. Pelo que façamos curtissimos os seus paletós já curtos e mettamo-nos em verdadeiros saccos, cahindo direitos dos hombros aos quadris. E as golas? Deixaram de ser rectas, encavadas? Tem agora o entalhe mais descido? E' o caso, pois, de arredondal-as, quasi as bojando em circulo e de trazer o entalhe para baixo do bolso de peito...

Os colletes. Estes foram supprimidos. E com que desvantagem para os nossos mocinhos que não beneficiaram do aprumo do serviço militar; e para os nossos adultos que logo depois dos trinta annos começam a deitar barriga! Ou, então.. Quando usamos collete é o tal modelo de traspasso á contrabandista, as golas escancaradas para mostrar o peito da camisa de seda e as florações complicadas ou os loucos geometrismos da gravata, como um garçon de café barato que não poude esquecer a libré.

Vae longa a chronica. Falamos, principalmente, do que se não deve fazer. De outra vez será do que se precisa, do que se deve fazer.

E do que se faz .. fóra do Brasil. Os argentinos não acceitaram a moda anglo-americana. Tomaram della alguns traços uteis ou interessantes. Mas fizeram, fazem a sua moda propria, do que são exemplos as figuras que illustram estes commentarios.

Mahitè

N'um Theatro 60 °/₀ são Calvos!

PORQUE NÃO COMBATER DESDE JA' O MAL ?

Quando V. S. fôr a um theatro observe que 60°/₀ dos espectadores são calvos.

A calvicie, em geral, provém do mau trato e desleixo de muitos, para com o cabello. E tudo quanto é mal tratado, caminha a passos largos para a degeneraçãõ.

O cabello é atacado constantemente por innumeras molestias, que precisam ser combatidas, sob penna, de alastrarem-se por todo o couro cabelludo, exterminando-o por completo.

As caspas são um dos maiores inimigos do cabello. Essas caspas que V. S. vê no seu cabello, serão com certeza, a causa da sua futura calvicie.

A Loção Brilhante é absolutamente inoffensiva, podendo, portanto ser usada diariamente em qualquer tempo indeterminado, porque sua acção é sempre benefica.

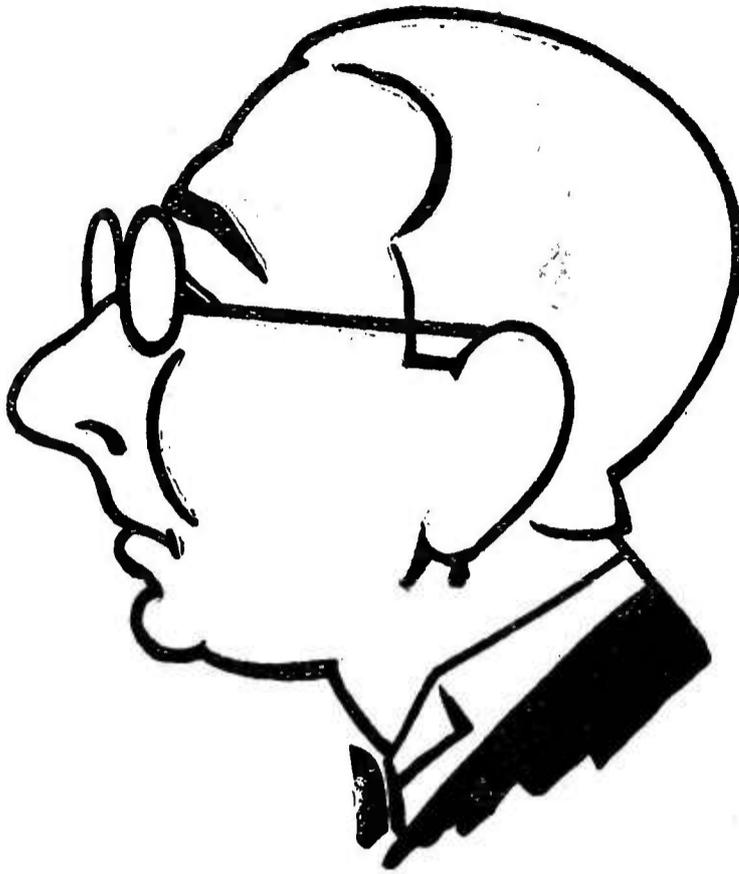
Usando a Loção Brilhante V. S. combate os cabellos brancos e terá a cabeça sempre limpa e fresca. E o cabello forte, lindo e sedoso. Evitará as caspas, a queda do cabello e a calvicie.

A Loção Brilhante não mancha a pelle, nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contém nitrato de prata e outros saes nocivos. E' recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do extrangeiro e analysada pelo Departamento de Hygiene do Brasil.

CUIDADO COM AS IMITAÇOES

NÃO ACCEITEM NADA QUE SE DIGA SER "TÃO BOM" OU "A MESMA COISA": PODE-SE TER GRAVES PREJUIZOS POR CAUSA DOS SUBSTITUTOS. EXIJAM SEMPRE

UNICOS CESSIONARIOS PARA A AMERICA DO SUL:
ALVIM & FREITAS — R. DO CARMO, 11 — S. PAULO

INSTANTANEOS

Nasceu poeta e veiu lá do Norte,
Sentimental, singelo e sonhador.
Como um Schubert talvez. do mesmo porte,
E com a mesma tristeza e o mesmo amor
O lyrismo a correr dentro das veias
E nas rimas de mel, sentimentaes.
Revivendo o poeta das ameias,
Das castellãs dos tempos medievaes.
E o verso e a rima e a inspiração e tudo,
Tudo se transfigura em poesia e em som!
Encanta o coração sua alma de velludo
Fazendo-nos sentir que o mundo é muito bom!

EFE DE QUE

O primeiro concurso de ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo o namorado, por menos amigo das musas que seja, perpreta por ahi a sua literaturazinha ás occultas Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não há mesmo fugir deste dilemma : ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estylista maravilhoso dos Motivos de Proteo, *escreveu certa vez : "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecerian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!" Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* Ariel. *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada. E' necessario que a mesma venha sob pseudonymo. O nome do autor virá dentro de um enveloppe fechado, tendo no sobrescripto o pseudonymo adoptado.*

SALOMÉ

Repito-te : eu sou o que te ama. Aliás, tu bem o sabes. Tu o sabes e exultas porque o sabes. Por isso, abraço-te. Deste-me o direito alto de abraçar-te.

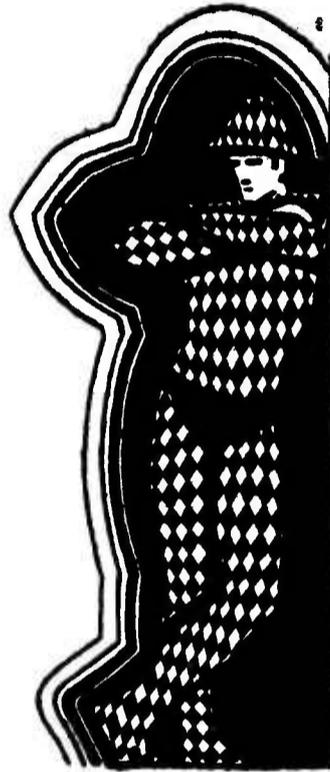
Digo-te *abraço-te,* porque sei que farias um amuo delicioso, se eu te dissesse *beijo-te*... e a phrase fosse uma mentira — tão longe estás destes meus olhos que inutilmente se alongam para ver-te, no anseio de encontrar a tua boca cor de sangue e os teus olhos cor de mel.

Escrevo-te da Paulicéa, numa tarde pardacenta. A tarde está avivando ainda mais a minha saudade de ti, Salomé, porque foi por uma tarde assim, ha longos quatro mezes, que esse incendio eterno e deslumbrante, que dentro em mim é bem maior, começou a lavrar no teu manso coração.

Escuta : a physionomia de S. Paulo entendia-me. Longe de ti, o que deseja o meu Desejo é poesia, é espiritualidade, é delicadeza. Essas fabricas me ennervam. Minha Saudade, num geito peremptorio, o que exige é só isso, nada mais que isso: poema. Exige um poema. Ella quer, longe de ti, ver uma garça branca a esvoaçar. A esvoaçar serenamente. Onde, porem, a garça? Lá longe, junto de ti, á margem do rio longo. Aqui, fabricas que apitam...essas casas...Essas casas cujas portas parece te3m tido por modelo cedulas...cedulas de um conto de reis — pois a gente tem a exacta illusão, quando as contempla, de que ellas tresandam a negocios, a dinheiro, a dinheiro, minha amiga, a negocios, meu amor !

Abraço-te, disse. O meu abraço, longe do teu corpo esguio, do teu corpo que é a alcatifa toda suavidade, em que repousa o meu Cansaço, anda sonhando, dentro nesta tarde insipida, com uns esconderijos azues contornados de folhagem, cheios de tapetes orientaes, estonteadores, daquelles em que tu tão bem sabes pisar, por sobre os quaes erraram as primeiras harmonias dos nossos dialogos quentes, na era amavel em que começaram a medrar o surprehendente capricho da tua belleza e o imprevisto egoismo do meu despotismo sem remedio.

Passaram, felizmente, as primeiras tormentas — e tens hoje um coração trabalhado de influencias lyricas poderosas, dominadoras, invenciveis.

Foi fecundo o meu esforço de amoroso selvagem, porque depois de todo aquelle despotismo, que pude entrecortar de cobardias habeis, floriu o teu amor incomparavel.

O teu amor era um amor de selvas ermas, agitado, aqui e ali, por um orgulho insensato — e é hoje com elle, por mim estilizado, Salomé, é com o teu amor vibrante e docil que vens enchendo toda a minha vida.

Lembraste-me outro dia, quando conversavamos na meia penumbra do alpendre florido e silencioso, que Petrarca modificava quarenta e cinco vezes um unico verso, na ansia de perfeição que o dominava. Recordaste-me esse episodio, meu amor. E eu? Para construir a meu modo o meu poema, o meu poema de felicidade, que és tu, tive de tornar-me rude quarenta e cinco dias...

Tempo virá em que, pontilhado de estrellas, serão sempre intensamente azues nossos dias de gloria. Será breve a minha volta, Salomé.

Hoje, como hontem, sou aquelle que te ama. E sendo o que te ama e o que te ha sempre de amar, espera-me tu, Salomé, com todas as subtilezas da tua doçura e do teu desejo, porque rolarei a teus pés quando menos esperares. Então, aquella felicidade, apenas começada, junto á nós para sempre ficará. Para sempre e para sempre.

Adeus. Vae aqui nestas letras um Atlantico de Saudades, Salomé.

(Eu sou o que te ama !)

LUCIO

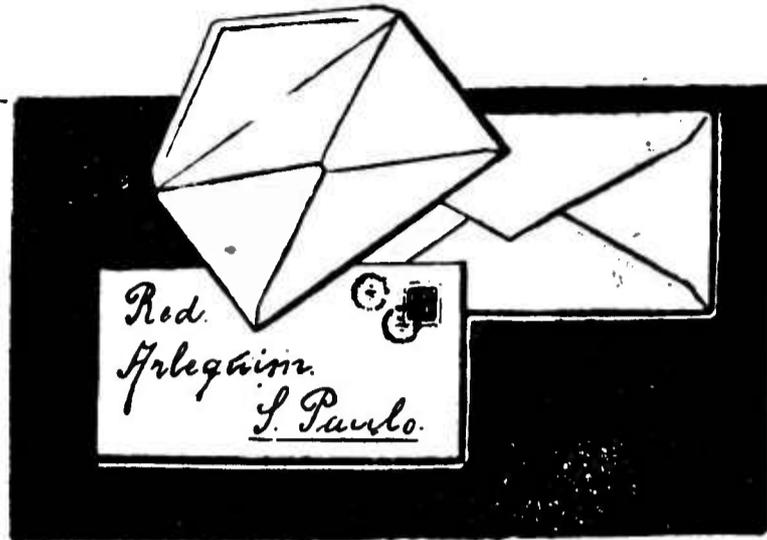
AOS QUE NOS ESCREVEM

Pauliano Ardel — (Capital) Tenha paciencia, meu purissimo amigo, mas é feio, muito feio, o seu procedimento. Então, uma linda mulher confia-lhe os labios, para que você os beije, entrega-lhe a cintura, para que você a aperte com força, e você vem agora, publicamente, dizer alto e bom som que tem nojo dessa mulher e daquelle beijo?! Isto, com certeza, não fica bem a um cavalheiro educado e artista como você, meu amigo, razão pela qual não publico o seu "Beijo e liberdade".

Accresce ainda que, nessa bella producção, você — os cabellos revoltos, os olhos esbugalhados, as mãos cerradas — faz o elogio dos beijos familiares. Leiamos, por exemplo, este trechinho:

> *"Eleitos os que aqui e no Velho Mundo, á face de todos, beijam, se desfazendo em amor, as faces das irmans donzelas, as testas dos velhos paes, em solidariedade sublime como um arrebol, deliciosa como o perfume brando de flores que nos espiam quando passamos ao luar.*
>
> *Esses os beijos que deixam marca.*
> *Delles vive marcado meu coração.*
> *Marcados a fogo, para sempre."*

Maravilhoso! Pauliano Ardel, meu amigo, homens como você, virtuosos e intelligentes, devem ser missionarios ou catechistas, falar aos herejes de um pulpito, no ambiente santissimo de uma egreja ou no silencio majestoso de alguma floresta. Você errou a estrada, portanto. Continue, sim, a ser muito virtuoso, bom filho e irmão puro, embora necessitando, ás vezes, do "beijo do momento, beijo sem alma, podre, beijo da carne", mas deixe — é para o seu bem, Pauliano! — a literatura e siga as pegadas dos santos.

E, quem sabe, um Valerio resará, ainda; "Santo Pauliano, livrae-me, por piedade, dos literatos analphabetos e dos Catões de esquina. Amem."

Plinio Palmares — (Capital) O seu "Platonismo" deu-me pouco trabalho. Lido este terceiro verso do soneto:

> *"Soltai do peito a fala estremecida",*

desilludi-me de você e fiz saltar a producção para a cesta.

Você revelou-se pelo dedo, meu gigante!

P. Freitas Guimarães — (Capital) Hoje, com certeza, o meu anjo da guarda está dormindo ou fazendo o "footing" com as onze mil virgens...

Escute, meu amigo. O seu "Cantico do meu inverno" está mais extraordinario do que o seu coração, que você mesmo declara sentir "enorme, SCELERE". E, se isto tudo é verdade, aconselho-lhe duas coisas: um mestre e um medico.

Hortus — (capital) Leiamos apenas este trechinho, com o qual você se apresenta:

> *"Quem sou?! Um "iniciado" das coisas intellectuaes para as quaes se voltou... da vida vencido. Comprehendeu?"*

Creio que sim, Hortus, e lamento profundamente não poder concordar com a synonimia que você estabelece entre iniciados e ignorantes.

Bertha Ibagnez — (Capital) Antes, escute. Você nos poz a todos grandemente curiosos e tem a obrigaçãosinha agora de nos contar tudo. Tudo, ouviu? Você chega e declara, com a convicção de quem não admitte duvidas, que um dos nossos directores, alem de peregrino talento da nova geração literara, é o mais fascinante conquistador de corações. E isto é grave, gravissimo, minha amiga. Tão importante mesmo, que queremos, impomos, exigimos de você a revelação do segredo. Você ha de concordar, Bertha, que não é justo vivamos ao lado de homem tão notavel sem renderlhe as devidas homenagens. Sim, porque conseguir de verdade o coração de uma paulista seculo XX é proeza mais estupenda do que a ultima de Sara, mulher de Abrahão, o da Biblia.

Revele-nos, pois, este segredo e conversaremos sobre os seus versos.

Armando d'Almada — (Capital) Viva.! Você acertou com o nosso gosto, e, apezar de todo o calor que me põe cheio de neurasthenia e maldade, não posso deixar de reconhecer que o seu "Dialogo" está absolutamente dentro das exigencias de "Arlequim".

Myriam — (capital) Commentando o meu silencio, você terá chegado, minha adoravel amiga, ás mais absurdas conclusões. Creio até que o bohemio que sou e que não sabe nada de etiquetas, mereceu de você o feio julgamento de "moço malcreado". E estou daqui a ver como ficaram graves os seus olhos, que devem ser lindissimos, no instante tristissimo em que me julgaram.

Agora, Myriam, escute. Dentro das gavetas da minha secretaria ha uma desordem quasi egual á que vive no mundo depois da creação: São originaes que devem descer para a typographia, provas a serem revistas, alem de outras mil e uma atrapalhações, que fazem a cabeça da gente dar mais voltas do que as moças no triangulo, na tarde dos sabbados. Dito isto, você decerto me perdoará a falta e, principalmente, quando souber que o seu "Deserto" já desceu para a typographia, onde será composto. Sobre o "Finis" direi a você qualquer coisa, no proximo numero. de "Arlequim".

Claude — (Capital) Eu temi pela sua sorte, minha amiga. Postok Longo, o nosso homem terrivel, apanhou a sua carta e levou-a para casa, afim de julgal-a. Eu sei que Postok Longo é mao a tem toda a vontade de dizer coisas desagradaveis a vocês. Por isso, Claude, era natural o meu receio, uma vez que você veio a mim, tão delicadamente, collocando-se sob a minha protecção. Mas, — facto extraordinario! — Postok Longo sympathisou com você e, no dia seguinte, disse-me sorrindo: "A carta desta menina está boa. Pode ser publicada no concurso que abrimos. Diga-lhe, pois, que nos envie, dentro de um enveloppe fechado, o seu verdadeiro nome."

Assim, Claude, se você quizer, "Arlequim" terá muito prazer em recebel-a.

Valerio

O melhor cliente

(Conclusão da pag. 5)

E cahiu na mais nociva das vadições; essa vadiação porem, não podia continuar, era preciso que Espada voltasse á vida trabalhosa dos homens; porisso o Chico metteu-lhe o freio mas só o freio, que Espada não consentiu mais cousa alguma, nem baixeiro quanto mais carona! Resistiu ao moleque, com os pés, com os dentes e arrancou o moirão como se fosse um palito! Nova tentativa, novos coices e dentadas, novo estiramento... Espada era a mesma besta incorrigivel — de nada lhe valera o Arsenal de Marinha!

Indignado, então, com tamanho ingrato, esqueci a minha habitual tolerancia e, tratando-o como se elle fosse um homem, peguei do freio. Hypocritamente, fingindo um assobiozinho caricioso, me aproximei do bruto... Com surpresa nossa, Espada baixou a cabeça para que eu lhe metesse na bocca o pesado freio! Depois com toda a facilidade — o baixeiro; depois a carona! Espada não se movia, paciente e docil consentiu que até o selim lhe puzesse... Quando chegou, porem, a vez do rabicho, julguei do meu dever dar-lhe esta satisfação:

— Meu amigo Espada, desculpa-me esta irreverencia ... Eu sei que isto é vexatorio, mas tem paciencia — é preciso que nos ajudemos uns aos outros...

O bom amigo de outros tempos attendeu-me com bondade; consentiu em tudo — em rabicho, em barrigueira e até que o montasse! Espanto maximo do Chico e coragem tragica de minha parte! Espada, no entanto, trotou commigo alegre e cheio de garbo; dir-se-ia orgulhoso em transportar-me! Mas voltei ao chão firme, alliviei-o da sella com estardalhaço; atirei a carona desabusadamente a seus pés e elle permaneceu indifferente! Surprehendido, occorreu-me uma experiencia: mandei que o moleque o arreasse de novo — Espada não consentiu, mordeu, escoceou e estirou bufando!

Dahi por deante ninguem mais lhe poz a mão — nem peão, nem campeiros, nem valentão!... Só eu, velho e timido, o unico ser humano que arreava e montava Espada. Arreava-o, montava-o e bastava chamal-o da porteira do pasto para que viesse — relinchando contente — ao milho e á labuta de sempre!

Voltou Espada a ser o companheiro de outrora: prompto, docil, e paciente.

* * *

E agora, quando regressamos duma penosa jornada sob o sol, por entre a poeira, estafados ambos, antes de me recolher fico a contemplar Espada, reconhecido e penalisado pelos bons serviços que me tem prestado. Elle, por sua vez, com a naturalidade da obrigação cumprida, sacode-se violentamente; espirra com fragor e cheira o chão, procurando uma terra limpa e fofa, para se espojar... Nesse momento suggestivo, não resisto e, impulsionado por um sentimento quasi hyppico, chego-me a elle, passo-lhe vagarosamente a mão pela fronte; afago-o depois, com palmadinhas na taboa. Espada, então, deita-me uns olhares humanos e chego a acreditar que tambem me queira lamber o pescoço!

..A vida não se cança em me proprocionar surpresas: nunca pensei que, cuidando dos homens, chegasse a querer tão intimamente aos cavallos!

Não sei

Depois da insomnia atroz de noite longa e fria,
tentando a multidão de ideas afastar,
ergo a cabeça, escuto, abro a janella... E' dia!
A's portas do levante assoma a luz solar.

Que esplendido painel de flava bizarria
no claro-azul do céo, na transparencia do ar!
— Contraste da alvorada a rutilante orgia
com a noite de minh'alma, eterna e sem luar.

Vae pelo espaço em fóra o meu olhar contricto
como que a procurar nas plagas do Infinito
o sonho divinal, que outr'ora acalentei...

E, nesse arroubo d'alma e nesse mago enleio,
não sei si o coração palpita-me no seio
ou si morreu sonhando o coração — não sei!

Emiliana Delminda

Menino impossivel

Mario tinha seis annos. Ia para a escola.

Vestiu a blusa. A dona Zéfinha botou o lanche delle dentro da bolsa. Duas bananas. Um pedaço de pão com goiaba. Só.

— Vá bem direitinho. Está ouvindo ?

— Tou.

⁂

O creado assim que deixou a porta da escola Mario olhou para traz e entrou com uma alegria doida.

— Sente-se. Estava custando. Brincadeiras na rua.

O menino ia falar mas nem chegou a falar.

— Já sei. Basta. Leia alto sua lição.

— O cava...eiro subiu a escada...de corda...no casteio do conde ir...ir...andes...

— Leia isso direito, senão... senão.

⁂

Meio dia. Outubro quente que nem fornalha. Cigarras cantando nos cajueiros. O sino da cathedral bate, bate.

Morreu alguem.

— Attenção

Movimento de attenção.

— Nós somos da patria amada...

E os meninos :

— fi-deis sorda-do...

— Não é assim não.

Vamos, comecem.

— Nós...

Digam :

— Nós so-mos da patria a-ma-da...

⁂

Recreio. Mario sahiu correndo. Furou um grupo. Desaforo do nanico. O grupo revoltou-se. Turumbamba. Correu atraz delle. Prendeu e botou-o preso dentro duma touceira de bananeiras cercada de aspas de barril.

Serginho menino máo. Foi a sentinella que ficou pondo guarda.

Pra começar tomou logo o lanche de Mario. Emquanto todos brincavam. E aproveitou a algazarra e deu na coxa do preso um bruto beliscão.

— Aguenta rapaz não fazer turuna aqui cá gente. Pensar que só fazer. Abóm !

— Chorando porque ?

— Está doendo...

— Doendo aonde ?

— Aqui na perna.

— Não é nada não, seu mole.

— Me paga.

Já no fim do recreio Mario foi solto. Risadinhas. Falatorio. E a professora com solemne auctoridade :

— Sue cara de santo, venha pra perto.

⁂

Cêrco. Serginho foi pra perto tambem. Foi mangar. Mas Mario não teve duvidas não, empurrou a mão na bocca delle numa bofetadasinha de estillo.

— Me biliscou...

— Qué isso ?

Os dois dentes moles de Serginho cahiram.

Discurso da professora.

— Vou mandar entregal-o a sua mãe. Não quero desordeiros aqui na escola. Eu quero meninos bem educados e que tenham optimo comportamento. Está ouvindo ?

Todos olhando Mario. Cochichos.

Mario não ligava bem aquillo. Não levou um beliscão ?

Vingou o beliscão na bocca do Serginho. Prompto.

⁂

Deante do chinello ficou sem saber pra onde ir. Aterrado.

— Não, mamãe ; não, mamãe. Mamãesinha, não !

Na boquinha da noite já estava dormindo. De vez emquando um suspiro fundo. Suspiro soluço. Com camisinha lá em cima. A coberta nos pés rosados. Todo descoberto. E na coxa uma roda vermelha quasi arroxeando.

Adhemar Vidal

Moveis para "Bungalow"

SE bem que os dormitorios e salas de jantar que havemos ultimamente annunciado vierem definir, de uma forma integral, a nossa posição de principaes fabricantes de moveis para "bungalow", os que fabricamos para outras dependencias, devem, por certo, solidificar ainda mais esse lisongeiro conceito.

Moveis estofados, Guarnições para "hall" e entradas, Moveis para "fumoir" e bibliothecas, fabricados sob desenhos de nossos artistas, obedecendo á mesma elegancia e á mesma franqueza de linhas baixas, harmonisando-se, admiravelmente, aos ambientes dessas novas habitações.

Ternos estofados em damasco de seda, desenhos japonezes. Artigo luxuoso!

2:300$ e 1:800$

VALOR DE RELIQUIA

Detenha-se V.Exa. por alguns instantes ante o fino dormitorio de couro que ora expomos em nossa Galeria de Moveis e verá que:

E' feito para servir gerações honrando na posteridade, a memoria de seus doadores.

MAPPIN STORES